



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

O outro lado do muro
Um estudo sobre a abordagem jornalística da TV Record
Brasília a respeito dos acontecimentos no Centro de
Atendimento Juvenil Especializado (Caje)

Lucelle Lourenço Gomes de Moraes
RA 2041335/2

Brasília, Outubro de 2007

Lucelle Lourenço Gomes de Moraes

O outro lado do muro
Um estudo sobre a abordagem jornalística da TV Record
Brasília a respeito dos acontecimentos no Centro de
Atendimento Juvenil Especializado (Caje)

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof. Luiz Cláudio Ferreira.

Brasília, Outubro de 2007

Lucelle Lourenço Gomes de Moraes

O outro lado do muro
Um estudo sobre a abordagem jornalística da TV Record
Brasília a respeito dos acontecimentos no Centro de
Atendimento Juvenil Especializado (Caje)

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, Outubro de 2007

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Solano Nascimento
Prof. Examinador

Ana Paula Ferrari
Profª. Examinadora

Este trabalho é dedicado ao meu grandioso Deus que pelo amor desabrochou em sonho realizado. Aos meus pais, exemplos de força e coragem, pelo infinito amor, dedicação e apoio durante toda a minha trajetória de vida. Sem eles nada disso seria possível. Ao insubstituível amigo de curso Osman Melo, *in memoriam*, pelo incentivo e credibilidade depositados em mim.

Agradecimentos

A Deus, pelo incomparável amor e sem o qual nada teria sentido.

Aos meus pais, Ana Lúcia e Daniel, pelo amor, cuidado e incentivo na realização desse sonho.

Aos meus irmãos Saulo e Lucilene pelo carinho, compreensão e acima de tudo pela paciência durante todos esses anos.

A toda a minha família e as famílias Vilela, Silva e Prado por estarem sempre dispostos em me acolher no que for preciso. Amo muito vocês!

Ao meu querido amigo Evam por andar junto e pelas sábias palavras de apoio depois de inúmeros telefonemas de desespero.

À minha amiga jornalista preferida Thais pelo apoio e disponibilidade da companhia durante as madrugadas.

Aos meus amigos Kenne, Shain, Júnior, Suzana, Gilmar, Hellen, Mônica, Adda e Demétrio pelas orações e paciência.

Aos meus companheiros de curso: Antônio Martins, Andréa Lopes, Cristiane Bonfanti, Daniela Torres, Lívia Almeida, Nara Regina e Pedrinho.

Às minhas adoráveis amigas e companheiras de redação: Aline, Clóris, Mauricia e Mariana.

E ao meu querido orientador Luiz Claudio por sua paciência, contribuição, conselhos e principalmente por acreditar em meu trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a informação noticiada por uma emissora de televisão sobre os acontecimentos no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) do Distrito Federal. O objetivo é identificar como a instituição aparece na imprensa e de que forma a cobertura jornalística apresenta o trabalho de ressocialização e a representação dos adolescentes em conflito com a lei à sociedade. Esta pesquisa constatou que a violência praticada pelos internos é mostrada como único fato de relevância no telejornal analisado os métodos de reeducação e projetos sociais desenvolvidos com os adolescentes são simplesmente desconsiderados. Uma destas representações, a do telejornal *DF Record* são veiculadas matérias que acabam por relatar apenas fatos e não incitam reflexões para mediar o debate na sociedade. Por esta razão, uma análise do telejornal com o intuito de verificar o modo como são noticiados os fatos e eventos relacionados aos adolescentes infratores foi realizado. Para isso, foram utilizadas as técnicas de análise documental e de conteúdo, revisão bibliográfica e observação direta. Ao todo, foram realizadas três entrevistas com profissionais de comunicação, duas com fontes relacionadas à instituição e analisadas nove matérias e duas notas veiculadas no telejornal. Foi estruturada uma pesquisa do qual fazem parte conceitos sobre jornalismo regional e os critérios de noticiabilidade empregados na cobertura jornalística. Ainda nesse contexto, foi apresentado um pequeno retrato histórico do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje).

Palavras-chaves: televisão, jornalismo regional e ressocialização.

Sumário

1 INTRODUÇÃO: A notícia e seus efeitos.....	8
2 Atendimento ao adolescente em conflito com a lei	11
2.1 Identidade: o Cajé.....	11
2.1.1 <i>Estrutura</i>	12
2.1.2 <i>Educação</i>	13
2.1.3 <i>Saúde e Sexualidade</i>	14
2.1.4 <i>Esporte, Cultura e Lazer</i>	14
2.2 Rotina: privados da liberdade	15
2.3 Crise: política social	16
3 Jornalismo Regional.....	17
3.1 Os detalhes, a precisão dos fatos.....	17
3.2 A relação com a fonte	20
3.3 <i>O achismo</i>	21
4 Quando se está do outro lado do muro	23
4.1 Análise de conteúdo: Mídia Televisiva.....	23
4.2 Material e Método: Telejornal DF Record	24
4.2 Resultados.....	25
5 Considerações Finais.....	32
Referências.....	33
Glossário.....	35
Apêndice.....	37
Anexo	49

1 Introdução: A notícia e seus efeitos

De fato, a mídia faz parte do cotidiano das pessoas. Por causa dela, a sociedade e o mundo são discutidos dentro ou fora de casa. Cada instância da comunidade pode ser refratada, ou seja, é a mídia ressignificando o tempo todo os fatos do cotidiano e, definitivamente, pautando, os sentimentos e as impressões dos agentes destes fatos. Portanto, torna-se insustentável negar o papel ativo que os jornalistas exercem na construção da realidade social.

É preciso investigar a relação das histórias contadas e o seu recontar, suas ampliações e distorções. A nossa mídia hoje existe no tempo do calendário, dos grandes eventos e devido à diversidade de pautas, o espaço social da mídia não tem sido compatível com sua importância.

O jornalismo, como espaço do público de grande visibilidade, pode voltar-se para minorias e exercer o papel social que lhe cabe. O exercício da profissão não deve prescindir da ética, principalmente no mundo hiper-informativo de hoje. Jornalistas têm o dever de informar, o que não significa apenas relatar fatos, mas incitar reflexões e mediar o debate entre povo e classe dominante. Afinal, é por meio da imprensa que o cidadão comum pode intervir nas instâncias decisórias da sociedade.

Detentores de veículos de Comunicação tendem a tratar matérias como mercadorias e repórteres como meros produtores de notícias. Jornalistas seguem uma rotina de trabalho mecânica, muitas vezes descomprometida com a apuração completa e o desdobramento dos fatos. Os profissionais de imprensa são cada vez mais cobrados a produzir em maior e melhor escala que os concorrentes, o que compromete o vínculo com o interesse público.

Em empresas de televisão a supervalorização de imagens e a dramatização do texto contribuem para a fusão entre jornalismo e espetáculo, baseada em sensacionalismo e disputa por audiência. Muitas realidades que demandam ações urgentes por parte do poder público e da sociedade civil, passam despercebidas pela

mídia. Até que ponto os profissionais se envolvem com o problema social agendado e procuram relatar os fatos sob a ótica do cidadão?

Profissionais de TV são dependentes de imagens e frases curtas para escrever textos. Trabalham em um meio no qual links e flashes ao vivo eliminam o conceito de tempo, além de terem que lidar com a pressão pelo furo.

Sabendo disso, e colocando em foco o espaço da comunidade na mídia televisiva, este trabalho retoma a temática sobre a mídia como tarefa humana, tendo consciência das diferentes sociedades, tempos e lugares. Embora as notícias representem determinados aspectos da realidade cotidiana, pela sua mera existência, elas podem contribuir para a construção social de novas realidades e novos referenciais.

O estudo proposto pretende refletir sobre a cobertura jornalística do telejornal *DF Record*, a partir das matérias veiculadas por este no período de Janeiro a Julho de 2007. O foco da cobertura destas matérias foram os acontecimentos no Centro de Atendimento Juvenil do Distrito Federal - Cajé.

O Cajé abriga adolescentes que cumprem medidas sócio-educativas em regime de internação no Distrito Federal e tem como missão contribuir para a recuperação social do jovem privado de liberdade oferecendo escola, aprendizado profissional e até oportunidade de trabalho remunerado. Para tanto, conta com uma equipe multidisciplinar de profissionais composta por médicos, auxiliares de enfermagem, dentistas, pedagogos, assistentes e agentes sociais.

Será que são os muros altos do Centro de Atendimento Juvenil que impedem uma visão ampla da sociedade sobre o que se passa nessa comunidade? Ou a imprensa não tem noticiado com afinco essa realidade? O que se vê são reportagens que cobrem o factual e ainda muito timidamente veiculam outros aspectos vivenciados pelos adolescentes.

A análise de ambos os aspectos citados acima será feita em dois momentos distintos. O primeiro analisa o espaço dado para a comunidade Cajé no telejornal, o envolvimento dos profissionais com o problema social agendado, as singularidades do jornalismo produzido, as diferentes formas de entrevistar, apurar e produzir as matérias.

O segundo traz a análise de como a instituição e servidores consideram a cobertura jornalistas e como se vêem na mídia.

A presente pesquisa foi orientada no âmbito das Teorias das comunicações de massa no que se refere ao Agendamento ou *Agenda-setting theory* formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970 que de acordo com esse pensamento a mídia determina a pauta para a opinião pública e o conceito de *Gatekeeper* sobre a seleção do conteúdo exercido pela mídia e pela imprensa. E a teoria da Representação Social da Psicanálise, uma pesquisa de Psicologia Social e de Sociologia do Conhecimento fundamentada pelo francês Serge Moscovici em sua pesquisa *La psychanalyse – Son image et son public* (A representação social da psicanálise) realizada com a sociedade francesa.

O Trabalho estará dividido em três capítulos. O primeiro faz um retrato atual da Instituição Cajé, com base na apuração feita pela pesquisadora. O segundo capítulo apresenta várias abordagens sobre o Jornalismo Regional, ou seja, a relação diferenciada com que a mídia televisiva local reorienta a própria forma de representação dos fatos. Por fim, o terceiro capítulo traz uma análise de conteúdo das matérias sobre o Cajé veiculadas no telejornal *DF Record*.

2 Atendimento ao adolescente em conflito com a lei

2.1 Identidade: O Cajé

O Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Cajé) é o lugar onde se cumpre o artigo 121 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹ no Distrito Federal. Segundo o que foi apurado, a internação de um jovem infrator não é aprovada por crimes como roubar um par de tênis ou um doce na mercearia do bairro. Na instituição, estão jovens que cometeram assassinatos, estupros, roubos seguidos de morte e tráfico de drogas.

A unidade é destinada ao abrigo desses adolescentes com o objetivo de uma nova oportunidade de educação. Para tanto, são oferecidas escola, qualificação profissional e até oportunidade de trabalho remunerado. A instituição conta com uma equipe multidisciplinar de profissionais especializados composta por médicos, auxiliares de enfermagem, dentistas, pedagogos, psicólogos, assistentes e agentes sociais entre outros servidores. Atualmente, há 237 adolescentes na unidade e 475 servidores integrando o quadro funcional².

Atualmente a direção do Cajé desenvolve sete projetos, alguns inovadores para o desenvolvimento do processo de ressocialização dos adolescentes. É o caso, por exemplo, do Projeto *Cidadão República*, lançado no início de Agosto de 2007. O projeto, em parceria com o setor privado, promove a inserção do adolescente no mercado de trabalho formal. Nesse primeiro momento, dois meninos foram beneficiados e trabalham em uma loja que comercializa couros. Numa jornada de 8h, exercem a função de conferencista de mercadorias. São assegurados aos meninos os mesmos benefícios de outros funcionários da loja. Além de serem registrados em carteira, têm

¹Brasília: Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 10 de Agosto 2007.

² Dados cedidos em entrevista com a Diretora do Cajé, Heloisa de Carvalho. Setembro de 2007.

garantias como auxílio creche e vale-transportes. Vale destacar que um deles foi promovido dentro da empresa.

Dentre outros projetos a nova gestão desenvolve o reordenamento da *Escola do Cajé* com interdisciplinaridade das áreas de conhecimento da escola, oficinas profissionalizantes e extensão de ensino e estudos de casos contínuos. Desenvolve também o projeto *Avançando Novas Fronteiras* que tem por objetivo assegurar aos adolescentes ações de aprendizagem, o projeto *Adolescente nota 10* que visa valorizar os adolescentes que desempenham com excelência os deveres e obrigações a eles conferidas, por meio de concessão de benefícios internos. Esses adolescentes encontram-se abrigados em um módulo diferenciado, denominado *Casa de Convivência*. E há também o projeto para a criação da *Rádio Educativa* com o intuito de promover a comunicação no ambiente institucional.

2.1.1 Estrutura – A precariedade do Cajé é constantemente denunciada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa, da Seccional da Ordem dos Advogados do Distrito Federal (OAB-DF) e pelas Organizações não-governamentais (ONGs) de defesa dos direitos do adolescente. Um dia depois da visita desses representantes as denúncias são registradas em relatórios.

Algumas instalações da instituição são de 1976, quase 31 anos atrás. Na época, a instituição era pequena e atendia apenas 45 adolescentes. A unidade era conhecida como *Centro de Observação de Menores* que recebia os adolescentes e depois encaminhava para o Presídio *Colméia*, localizada no Gama. Em 1994, a instituição foi oficializada e nomeada como Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Cajé). Com as mesmas instalações a unidade começou a receber os jovens infratores. Não houve um planejamento arquitetônico e hoje a instituição convive com os reflexos da falta de infra-estrutura.

Segundo a Diretora do Centro, Heloisa de Carvalho, a instalação precária dificulta as atividades. “Na época das construções foi usado o concreto armado o que

facilita os meninos retirarem barras de ferro e confeccionar facas artesanais, o que chamamos de material pérfuro-cortante”, explica.

Mas, não são apenas reclamações relacionadas à estrutura arquitetônica da unidade que são reivindicadas. De acordo com a apuração da pesquisadora, não há estrutura, condições de trabalho para os servidores. Segundo um dos Diretores do Sindicato dos Funcionários do Centro, Cássio Vieira, os carros da unidade, por exemplo, são velhos e equipamentos para os funcionários não existe. “No caso de uma invasão numa ala ou, por exemplo, no caso de transporte você não tem equipamentos de segurança. Há uma dificuldade muito grande de o servidor ter acesso ao planejamento do dia-a-dia e assim realizar o seu trabalho”, desabafa.

2.1.2 Educação - O ensino está mais do que nunca presente no processo de ressocialização do interno. O ensino fundamental e médio é assegurado aos adolescentes a partir do termo de cooperação com a Secretaria de Educação do Distrito Federal, por meio do Exame Nacional para Certificado de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA)³. As aulas acontecem em salas adaptadas para a finalidade, perfazendo a jornada semanal de 20 horas/aulas, nos turnos matutinos e vespertinos, conciliando a escolarização com situações específicas com as demais atividades socioeducativas. Todos os internos sem exceção estão matriculados e freqüentando as aulas.

A escola é um convênio da Secretaria de Educação com a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (Sejus) que cede o professor, que faz o acompanhamento pedagógico e a certificação dos alunos. A proposta está pautada na pedagogia da presença onde o professor está muito mais próximo do aluno, partindo dos seus conhecimentos prévios, para então, aplicar os conteúdos disciplinares (competências e habilidades).

³ Brasília: Edital ENCCEJA 2007. Disponível em: < <http://www.se.df.gov.br/gcs/file.asp?id=10605>>.

Acesso em: 10 de Agosto 2007.

De acordo com a Diretora do Centro, Heloisa de Carvalho, por se tratar de alunos sob medida sócio-educativa e em muitos casos com baixa auto-estima, os professores desenvolvem um trabalho pautado em valores e atitudes com ênfase na reinserção dos adolescentes na sociedade.

2.1.3 Saúde e Sexualidade – Nem sempre os meninos e meninas que chegam ao Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) são orientados e informados quanto aos perigos de doenças sexualmente transmissíveis. Profissionais da saúde começam, portanto a acompanhar e cuidar do bem estar de cada adolescente.

O *Saúde Integral* é um projeto que desenvolve por meio de ações integradas a prevenção de doenças e promoção da saúde.

2.1.4 Esporte, Cultura e Lazer – Atualmente, 14 oficinas profissionalizantes estão em funcionamento. As atividades vão desde oficinas de reciclagem de papel, cartonagem, panificação e confeitaria, horticultura, estofaria e reforma, grafite, arte múltiplas, serigrafia, mercenaria, música, informática I e II. Todas, responsáveis pela inclusão social e resgate da cidadania dos adolescentes. A agência de esporte, cultura e lazer, também integram o processo ressocialização.

A direção pedagógica desenvolve também o projeto para a construção do *Complexo Desportivo* que busca ampliar e diversificar as atividades desportivas desenvolvidas pelo Centro criando um ambiente esportivo e acolhedor, com estrutura física adequada para o desenvolvimento de modalidades de esportes diferenciadas.

2.2 Rotina: Privados da Liberdade

O dia no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), começa bem atarefado. Para os internos, existem horários específicos e um programa de atividades que são um direito, mas não uma obrigação.

Para entender como é o dia-a-dia de um adolescente que perde a liberdade não basta saber das inúmeras propostas de projeto sociais ou o cronograma de atividades do dia. É preciso olhar por de trás das grades, levar em consideração “o outro”, sua cultura e valores já atribuídos.

São inúmeras as causas das delinquências juvenis. Segundo a Psicóloga responsável pela unidade, Sônia Prado, o adolescente chega ali carregando rixas e revoltas pra dentro da instituição⁴. Devem-se levar em consideração os limites e valores que já foram impostos para esse menino. “Muitas vezes a comunicação do adolescente não é clara e cheia de símbolos. Eles usam alguns elementos que mascaram a realidade deles, a compreensão do próprio ato em si. Sempre com essa visão dicotômica que é a vítima do sistema e que a polícia é mau e coitadinho de mim, eu sou pobre, não tive muita oportunidade e por isso estou na vida do crime”, explica.

Conforme o que foi apurado, alguns meninos e meninas rejeitam os pais e a falta da presença fraternal, biológica ou adotiva, provoca o comprometimento da construção do caráter e da afetividade. O adolescente cresce sem referencial e sem perspectiva de vida. Segundo a Diretora do Caje, Heloisa de Carvalho, é um grande desafio modificar toda uma história em dois anos no máximo. “É muito importante no processo da ressocialização a presença da família e esse é um dos nossos objetivos, trabalhar a ressocialização do adolescente no meio sócio-familiar”, afirma.

Investir para a recuperação de adolescentes em situação de conflito com a lei é um desafio, mas nem todos têm o interesse de reintegrar à sociedade, muitos

⁴ Dados cedidos em entrevista com a Psicóloga, Sônia Prado. Setembro de 2007.

deles começam a perder a noção com o convívio social e cometer um crime se transforma em questão de honra. Esses colocam em risco os que querem se recuperar.

2.3 Crise: Política Social

Redução da maioria penal e o descumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) são as principais discussões só quando representantes de entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente inspecionam a instituição.

De fato, o adolescente não fica impune. De acordo com a Diretora do Caje, Heloisa de Carvalho, não existe essa história da impunidade. “O menino está aqui porque cometeu um delito, ele é sentenciado. A diferença é que ele não cumpre uma pena e sim uma medida socioeducativa. Isso é difícil da sociedade entender. Existe uma hipocrisia, porque ao mesmo tempo pedem para baixar a maioria penal crucifica-se a instituição porque ela precisa fazer um milagre de transformar uma vida que já vinha 15, 16, 17 anos no qual já pertencia a um grupo, comunidade ou/e cidade com valores daquele meio”, desabafa.

3 Jornalismo Regional

3.1 Os detalhes, a precisão dos fatos

A relação diferenciada com que a mídia televisiva local reorienta a própria forma de representação dos fatos é espantosa. Definir a notícia apenas como fato é anunciar uma forma de ver o mundo que relaciona a um aspecto do real e deixa de levar em consideração todo o resto, deixa de ser crítico e relevante. Com isso, o que se vê nos telejornais são matérias muitas vezes descomprometidas com apuração completa e desdobramento dos fatos. Profissionais da imprensa são cada vez mais cobrados a produzir em maior escalar e melhor que os concorrentes, o que compromete o vínculo com interesse público.

Retomando as Teorias da Comunicação de Massa, temos a contribuição dos estudos do *Agenda-setting theory* que surgiu em meados 1970, tendo Mc Combs e Donald Shaw como suas principais referências. Partimos do princípio de uma releitura dos estudos dos efeitos de longo prazo. Portanto, a mídia tem o poder de agendar os assuntos que estarão em discussão na opinião pública, podendo impor enquadramentos que são absorvidos no longo prazo e que podem condicionar como pensar sobre um determinado assunto.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligência elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele exclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW, 1979, p.96).

No contexto da complexa agenda social de hoje, com um grande número de pautas que chegam às redações de jornais, a área da infância e da adolescência tende

a ocupar uma posição privilegiada. De acordo com os dados do portal da emissora, a produção do telejornal diz que atualmente os telespectadores passaram a se interessar mais pelas matérias sobre violência e crimes envolvendo adolescentes.

Portanto é necessário repensar a forma como são realizadas as coberturas jornalísticas. O que se vê nos telejornais é o espaço garantido para as notícias factuais, ou seja, os principais fatos do dia e a dificuldade dos profissionais de comunicação em estabelecer dependência entre o público e a representação de mundo.

Para Wolf, a informação televisiva cotidiana fornece, portanto, uma situação de aprendizado impossível: o público é assediado por informações fragmentárias, totalmente incapazes de formar um quadro cognitivo adequado para as escolhas que o eleitor é capaz de fazer. (WOLF, 2003, p.149).

A cobertura dos fatos relacionados ao Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) é feita quando se há ocorrências ou denúncias. Segundo a produtora do Telejornal *DF Record*, Aline Nascimento, entrevistada por esta pesquisadora, são noticiados os fatos negativos da instituição. Se o interno agrediu o monitor isso é notícia. “São raras as exceções em que são produzidas matérias relacionadas aos projetos sociais ou sobre a metodologia de ressocialização adotada dentro do Centro. Se hoje existem atividades que contribuem para a inclusão do interno à sociedade isso não é repassado de forma clara para a imprensa, o que dificulta a cobertura”.

A partir do momento que acontece alguma situação seja ela positiva ou negativa, como por exemplo, uma tentativa de fuga, a nossa equipe entra em contato com os colegas, com os veículos de comunicação e somos atendidos imediatamente. É obvio que hoje o jornal vende muito mais quando noticia as situações de ocorrências, que quando publica um projeto social, como o “Cidadão República”, que emprega os meninos e mostra o trabalho de ressocialização. (Assessora de Imprensa da Sejus, Viviane Santiago).

A partir deste momento, nota-se uma situação contraditória e confusa. O telejornal considera que não há divulgação dos acontecimentos dentro do Caje e a

Assessoria de imprensa nega a falta de comprometimento por parte da instituição. Diante disso, observa-se que a televisão ganha força para escassez de interesse e de motivação para certos temas. Conforme Wolf, “se aqueles que mostram interesse e de motivação para certo argumento acabaram por se desinteressar por após terem sido expostos a ele, os que se mostram desinteressados e desinformados agem assim porque nunca foram expostos à informação relativa” (WOLF, 2003, p.21).

Seguirei mais um pouco o argumento de Wolf, pois isso nos levará a questões que se devem formular a respeito do tratamento noticioso dado pelo jornalismo regional. Há de se observar que os critérios de relevância adotados pelos jornalistas para selecionar os acontecimentos a serem transformados em notícias.

Salientando essa crescente dependência cognitiva da mídia, a hipótese da *agenda-setting* postula um impacto direto ainda que não imediato sobre os destinatários que se configura em dois níveis: *a.* a “ordem do dia” dos temas, argumentos, problemas, presentes na agenda da mídia; *b.* a hierarquia de importância e de prioridade com que esses elementos estão dispostos na “ordem do dia”. (WOLF, 2003, p. 146)

Conforme o que foi apurado não há um tratamento específico dado às reportagens sobre o Cajé. A prioridade são os fatos do dia. A notícia de momento. De acordo com a produção do Telejornal o tipo de cobertura e atenção àquela informação depende muito da situação ocorrida e do contexto dentro da instituição. A partir disso, é necessário contextualizar na matéria fatos semelhantes ocorridos dentro do Centro.

Primeiro porque o jornal não tem número suficiente de jornalistas para poder ficar acompanhando cada editoria. Até porque é um jornal de cidade e muito factual. A prioridade é para o que está acontecendo naquele dia, no assunto do momento. Não há uma editoria específica pra cobrir política, crimes, enfim. O *DF Record* é um jornal voltado basicamente em ouvir e tentar responder aos anseios da comunidade. O Cajé só ta em pauta se estiver acontecendo algo de grave. (Produtora do Telejornal *DF Record*, Aline Nascimento).

3.2 Relação com a fonte

A seleção que a mídia e aqui se tratando da televisiva, faz dos assuntos que considera relevante coincide com a hierarquia de importância do receptor, como a proximidade dos fatos. Talvez, a característica mais marcante do jornalismo seja a da proximidade, a relação com a fonte. O jornalista conhece as pessoas que descreve.

De acordo com a produção do Telejornal *DF Record*, grande parte dos fatos ocorridos dentro do Caje são divulgadas pelos familiares e funcionários da instituição. São pessoas que sofrem com a falta de estrutura para cuidar dos internos. Na maioria dos casos são ocorrências e denúncias. Em situações que há exposição do indivíduo na imprensa gera medo e por não saberem lidar com a informação os fatos não são repassados para a imprensa de imediato. Nesse caso, o jornalista considera o fato antigo e sem relevância para uma cobertura mais aprofundada.

O jornalismo participativo trata-se de um privilégio. Contudo, estabelecer uma relação com a fonte, colaboração e igualitarismo é prioridade. De acordo com as Normas de Telejornalismo Regional da Tv Record Brasília, o foco é na comunidade. “A essência do telejornalismo local é a matéria sobre os problemas da comunidade (bairros, e regiões da cidade, municípios de regiões metropolitanas). É imprescindível que o telejornal trate dos problemas e das soluções (reivindicadas pelos moradores ou apresentadas pelas autoridades) nas áreas de educação, segurança, trabalho, saúde, habitação, saneamento, transportes, lazer, esportes e cultura”. (TAVOLARO, 2006, p. 7).

Já diria Bistane e Bacellar, o repórter é um contator de histórias. Histórias com personagens reais, que nem sempre terminam bem. Há enredo, protagonistas, hora e local onde se desenrolam os fatos, e também um motivo. Trata-se do *lead*, com as perguntas indefectíveis: como, onde, quando, quem e por quê.

A diferença é que, ao contrário da pirâmide invertida dos jornais impressos, na tv a reportagem não precisa ter início respondendo a essas perguntas. Normalmente, o lead está na “cabeça” (texto lido pelo apresentador para

anunciar o videotipe, ou vt, como também são chamadas as reportagens) Na televisão, a matéria pode e deve começar das mais diferentes maneiras. Em alguns casos, o melhor para abrir o vt pode ser uma boa imagem de impacto. (BISTANTE E BACELLAR, 2005, p. 13)

Parece haver descompasso na forma como a profissão é vista. Até que ponto a competição pelo furo e a falta de tempo compromete a cobertura jornalística?

3.3 O achismo

De fato, a cobertura feita pelos jornalistas do Telejornal *DF Record* a respeito dos acontecimentos no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) é factual. Será que esse tratamento impende uma visão ampla da sociedade sobre o que se passa nessa comunidade? A imprensa tem noticiado com afinco essa realidade? O que se vê são reportagens que cobrem o factual e ainda muito timidamente veiculam outros aspectos vivenciados pelos adolescentes.

Para quem convive com esses adolescentes a tarefa não é fácil. De acordo com a Diretora do Centro, Heloisa de Carvalho, há de se mostrar na imprensa também à complexidade do atendimento. “É uma realidade e quem está de fora só conhece do ouvir falar e quando entra aqui se espanta com as inúmeras atividades que são realizadas com os meninos para a reeducação e inclusão na sociedade”, afirma.

A colocação de termos menos precisa e de expressões com objetividade pode comprometer a representação dada ao adolescente à sociedade. A representação social hoje funciona como uma leitura de mundo, um prisma através do qual o indivíduo observa e compreende não só os fatos ao seu redor, mas também, a própria existência. Desta forma, as representações têm assim, entre outras, a função de nortear as pessoas em seu ambiente, servindo de guias referenciadores da ação⁵.

⁵ EUCLIDES, Sérgio. **Crítica da Mídia**. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), fev. 2007. Notas de aula.

Na realidade o tempo inteiro a mídia vitimiza o adolescente e a instituição é algoz. Vemos muito isso, a instituição nunca funciona, que todo o sistema falhou e a instituição não consegue dar uma resposta. A sociedade também faz isso. A imprensa também cria algumas situações que são verdadeiras. Infelizmente até pegam registros, imagens de arquivo. Então, o que a sociedade vai pensar, acha que aqui só tem monstro. (Diretora do Cajé, Heloisa de Carvalho).

Esta idéia de como representar, já dito anteriormente, está permeado pela idéia da construção de estudos psicossociológicos. Já dizia o psicólogo social francês Serge Moscovici, em 1978: “o volume inflacionado de conhecimentos e de realidades indiretas sobrepuja de todos os lados o volume cada vez mais limitado dos conhecimentos e de realidades diretas. Nessas condições, pensamos e vemos por procurações, interpretamos fenômenos sociais e naturais que não observamos e observamos fenômenos que nos dizem poder ser interpretados.” (MOSCOVICI, 1978, p. 21).

Deve-se levar em consideração que não há de se esperar uma postura menos interessante dos adolescentes quando a mídia está presente. De acordo com a Diretora do Cajé, Heloisa de Carvalho, quando a imprensa aparece os adolescentes podem estar bem, mas, começam a reclamar. “Eles já estão acostumados com a mídia aqui pra ver só o lado negativo e nessa hora mandam ver. Porque, por melhor que seja a situação dele aqui dentro, ele está privado da liberdade”, explica.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês e um dos mais ferrenhos críticos contemporâneos da mídia, afirmava que a imprensa se repete como num jogo de espelhos. (BISTANTE E BACELLAR, 2005, p.45) E, portanto, os jornalistas (gatekeepers) julgam saber “o que é notícia” e selecionam os fatos que consideram mais importantes.

4 Quando se está do outro lado do muro

4.1 Análise de conteúdo: Mídia Televisiva

Algumas mudanças implantadas nos telejornais locais, em todo o país, estão em busca do resgate de uma identidade de grupo. Em março de 2006, a Rede Record de televisão estreou em Brasília o novo jornal local “DF Record”. A produção trouxe um telejornal que abre mais espaço para a participação popular, traz matérias sobre problemas denunciados por moradores de todo o Distrito Federal e Entorno, com direito a entradas ao vivo com moradores e autoridade responsável pelo problema. Espaço também para matérias que relatam iniciativas de pessoas que prestam serviço voluntário para a melhoria ou atendimento de uma comunidade. As pautas são sugeridas por telespectadores ou pela produção do quadro *Assim dá Certo* e ficam de fora prestações de serviço ou qualquer tipo de iniciativa apoiado pelo Governo.

O novo formato foi adotado por outras praças da emissora. Atualmente é considerado pela direção de jornalismo como modelo padrão de telejornal local da Rede Record. Mas, e quando se trata de uma cobertura específica, como a violência praticada por adolescentes? Há que se avaliar a perspectiva de continuidade da cobertura ou não, sob o risco de se dar apenas um registro do fato.

Tendo em vista que o conceito de analisar a visão do jornalismo como integração social, como ética e liberdade, e finalmente, como cidadania e regionalização, de que forma a imprensa televisiva veicula e trata a questão da infração juvenil e o processo de ressocialização do Centro de Atendimento Juvenil Especializado – Cajé?

De fato, a busca por um jornalismo que se identifique mais com as comunidades, envolve trabalhar os assuntos por parte da sociedade e para a formação da identidade social. As análises podem sublinhar a complexidade da profissão e as dificuldades e desafios para a sua prática, como o fato do jornalista encarar o *dead line*,

o fechamento diário do telejornal e, conseqüentemente, de fazer com que as notícias sejam fragmentadas.

Numa análise sobre o *DF Record*, o telejornal produzido em Brasília, modelo denominado de “*Jornal Comunitário*” traz mais informalidade e relação mais próxima com o público segue também a disputa pelo furo e por audiência.

De acordo com as Normas de Telejornalismo Regional da emissora, a prioridade é para as informações factuais. “O fato do dia é sempre o que mais interessa ao telespectador. Por isso, é prioritário na pauta e na exibição do telejornal. Exemplos de assuntos que se tornam fatos do dia são: Assaltos espetaculares ou dramáticos (com reféns), manifestações, greves em serviços essenciais, casos individuais de apelo humano”. (TAVOLARO, 2006, p.7)

4.2 Material e Método: Telejornal DF RECORD

Muito se discute a interferência da mídia no cotidiano dos cidadãos. Diversas teorias buscam explicar como se dá o processo de interação entre as pessoas e os meios de comunicação. Hoje a mídia parece não ver no receptor de informações o indivíduo comum com capacidade e autonomia de escolha e interpretação. Estudiosos enxergam a *mass media* como uma manipuladora incontrolável⁶.

Nesta pesquisa estão analisadas nove matérias jornalísticas referentes aos jovens abrigados no Cajé, instituição destinada ao cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade (ECA, art 112). As notícias foram cedidas pela chefia do telejornal *DF Record*.

Na análise documental e de conteúdo houve também a observação direta que buscou identificar os seguintes aspectos: o número de reportagens completas, notas-cobertas e notas peladas veiculadas ao longo deste ano, o espaço em minutos

⁶ EUCLIDES, Sérgio. *Crítica da Mídia*. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), fev. 2007. Notas de aula.

para cada tipo de material jornalístico (seja factual ou matéria especial) e personagens envolvidos nas matérias (fontes, autoridades ou internos).

Para a compreensão das notícias veiculadas utilizou-se os estudos da teoria crítica, com ênfase aos critérios de noticiabilidade e da Teoria das Comunicações de Massa.

4.3 Resultados

Esta pesquisadora optou por analisar reportagens relacionadas ao Cajé de Janeiro à Julho de 2007. Classificadas em quatro grupos: tipos de matérias, pautas principais, fontes envolvidas e espaço em minutos. As unidades de sondagem foram definidas por meio de amostragem arbitrária, o que exigiu tabulação das informações.

Optou-se por estudar a emissora Rede Record devido à linha editorial do Telejornal *DF Record*, direcionada exclusivamente aos interesses da comunidade. Outra questão importante foi à escolha do canal ser aberto, aos quais 95,6% dos moradores do Distrito Federal (DF) têm acesso⁷.

Em seguida, foi feito contato direto com a produção do telejornal para apurar tempo, frequência e formato das matérias. E também contato por telefone com a Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Distrito Federal (Sejus), Direção do Centro de Atendimento Juvenil e Especializado (Cajé) e Sindicato dos Funcionários do Centro.

Com base no levantamento dos dados, objetivos e referencial teórico da pesquisa, decidiu-se selecionar as matérias do primeiro semestre o ano de 2007.

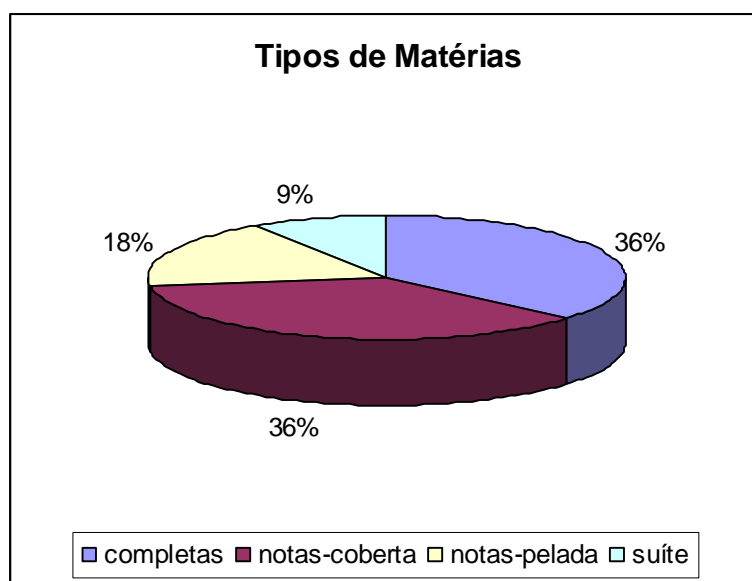
Foram feitas entrevistas abertas em profundidade (período de 06/9/2007 a 10/10/2007) com produtor e editor responsável pelo Telejornal a fim de observar a postura ética dos profissionais que atuam no telejornal.

⁷ DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios**. Brasília: Secretaria de Planejamento do Distrito Federal, 2004. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br>>. Acesso em 21 setembro 2007.

A bibliografia e a experiência de trabalho da pesquisadora - dois anos de estágio e oito meses de contrato como produtora da Rede Record - foram determinantes para a escolha do objeto de estudo.

A partir do conteúdo das perguntas comuns, foi possível identificar quatro categorias para análise:

Gráfico 1.



Conforme o que foi apurado de Janeiro à Julho deste ano, nove matérias relacionadas ao Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) foram veiculadas no Telejornal *DF Record*. Do total de matérias metade são consideradas reportagens completas e a outra metade em notas-cobertas.

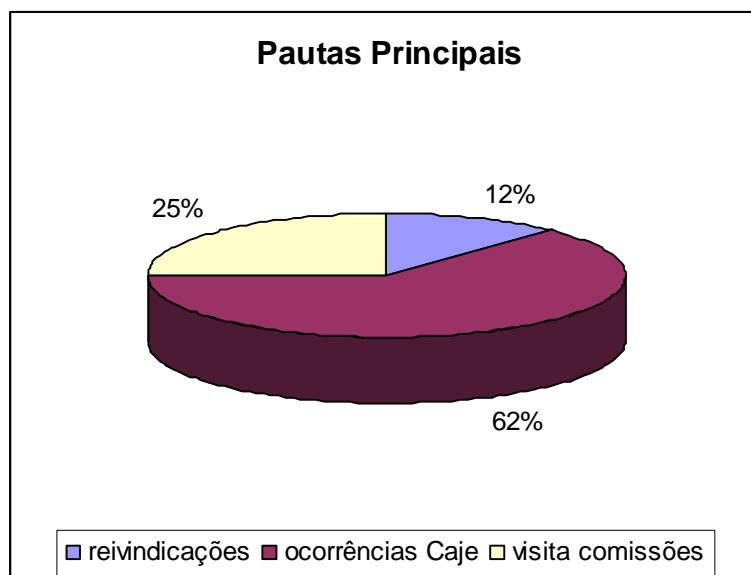
As matérias completas do telejornal foram estruturadas em offs, sonoras e passagem do repórter. Enquanto as notas-cobertas consideraram-se offs e sonora. Foram divulgadas duas notas-peladas ou seca e uma suíte, repercussão de um caso⁸. A estrutura da edição adotada é sempre a mesma e não há espaço para links, entradas ao vivo.

⁸ Vide Anexo A

O foco do nosso jornal é a comunidade. Se interessa à comunidade a notícia vai para o ar. Agora, se é uma notícia que não tem uma abrangência tão forte a gente dá uma nota. E à medida que ela for considerada menos importante ou não tão interessante, fazemos uma nota-coberta e se não é tão interessante a ponto de render uma nota-coberta a gente dá uma nota-seca. (Editor-chefe do Telejornal *DF Record*, Flavio Figueiredo).

Depende da situação e do contexto em que aconteceu o problema dentro da instituição. E quando se avalia a necessidade de uma cobertura, aí sim, contextualizamos a situação. Tomando como exemplo uma fuga. Precisamos saber quantas tentativas e fugas houve desde janeiro, o histórico na instituição, quantos policiais estão empenhados no trabalho de recaptura, porque o adolescente fugiu, se foi falta segurança, se foi falha na estrutura, e assim por diante. E em termos de projetos sociais é muito difícil. Só quando precisamos ouvir a associação de pais para contextualizar essa questão da ressocialização. (Produtora do Telejornal *DF Record*, Aline Nascimento).

Gráfico 2.



As nove matérias do telejornal trataram de assuntos factuais, ou seja, informações do momento. Na maioria das matérias constam números precisos de internos no Centro. Vale destacar que mais da metade das pautas são relacionadas às ocorrências ou violência praticada pelos adolescentes. Não foi utilizado nenhum recurso de Ilustrações como mapas, gráficos ou vinhetas. O Close, plano de enquadramento

fechado na cena é sempre com os meninos atrás das grades, ou seja, foi passada apenas a imagem da contenção.

O Cajé sempre está no foco da atenção. Primeiro, porque é um assunto que interessa a comunidade e, segundo, porque envolve um problema sério, que é a questão dos adolescentes e jovens infratores daqui de Brasília. Aliás, é um problema não só de Brasília, mas é um problema que desperta a atenção nacional, pois está ligado a discussão da maioridade penal, se eles devem ou não ser internados. Se apenas a internação é, ou não, suficiente. Eu digo que aqui em Brasília, de forma especial, interessa, pois aqui a situação é muito precária. (Editor-chefe do Telejornal *DF Record*, Flávio Figueiredo).

Se há resultado nos trabalhos que são desenvolvidos ali dentro isso não é repassado para imprensa de maneira muito clara. Porque, quando a imprensa faz algum tipo de matéria no Centro, o que se vê são problemas de infiltrações, dentre outros. Não vamos encontrar um interno assistindo uma aula de informática ou de repente numa quadra de esporte fazendo ginástica. Mas, é constatado nas visitas o adolescente desocupado. (Produtora do Telejornal *DF Record*, Aline Nascimento).

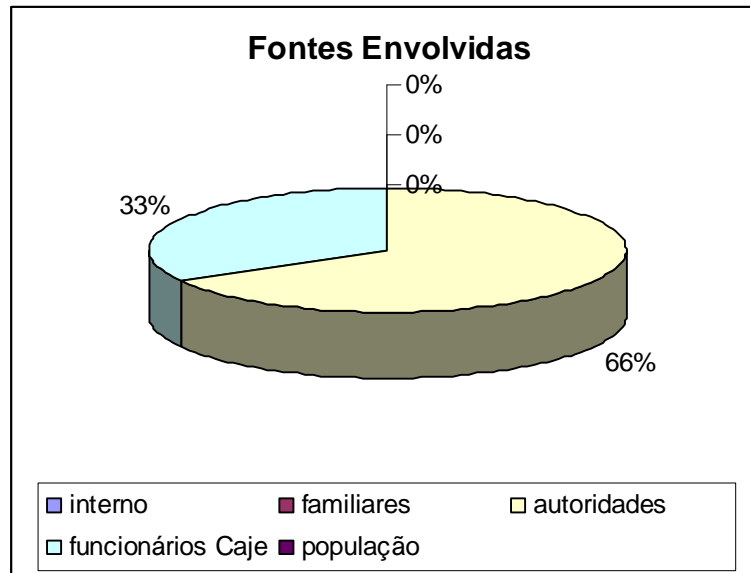
Desde que chegamos aqui, na Secretaria, sempre fazemos a ronda por todo o sistema, que atualmente estamos gerenciando. Mantemos contato direto e diário com a direção do Cajé. Hoje, somos informados pela direção do Cajé sobre todas as ocorrências, atividades e projetos que serão realizados com os internos, para que possamos divulgar para a imprensa. O objetivo é mostrar um outro lado do Cajé, que a sociedade desconhece, no qual se insere o processo de ressocialização, além da preocupação com o bem estar dos internos. Da mesma forma, quando ocorre fugas ou brigas ou ainda ocorrências mais graves, também somos avisados e comunicamos para a imprensa. A mídia nos ajuda e está nos apoiando em todas as situações. Por isso, preservamos esse contato diário com a direção do Cajé, para que quando houver situações noticiosas possamos divulgar com fidelidade para a imprensa. (Assessora de Imprensa da Sejus, Viviane Santiago)

Temos notado que nos últimos meses a imprensa até tem noticiado positivamente sobre o Cajé. Mas, é claro que isso não dá à mesma cobertura, do que quando o assunto é problema. A visibilidade é outra. A imprensa veicula ainda muito timidamente esse tipo de realizações. O que se passa para a sociedade, para aqueles que só conhecem de ouvir falar, do ler, é tão superficial que, quando as pessoas entram no centro levam até um susto. Temos escola, oficinas, meninos andando até sozinhos dentro dos módulos. É impressionante! Quando aparecem repórteres aqui os procedimentos são sempre os mesmos. Pede-se para o adolescente ficar atrás das grades e passa a imagem só da contenção. (Diretora do Cajé, Heloisa de Carvalho).

Nós já tivemos dificuldade de apresentar, não do ponto de vista de dados, mas talvez de pauta. A emissora já está com a pauta ou grade fechada. Às vezes, o assunto tenha sido discutido em semanas anteriores, mas não se deu o enfoque necessário. Ou até do ponto de vista da matéria ser encaminhada sem uma discussão com o sindicato. Mas o acesso ao ligar e

com quem conversar sempre foi tranqüilo, sem problemas. (Diretor do Sindicato dos Funcionários do Cajé, Cássio Vieira).

Gráfico 3.



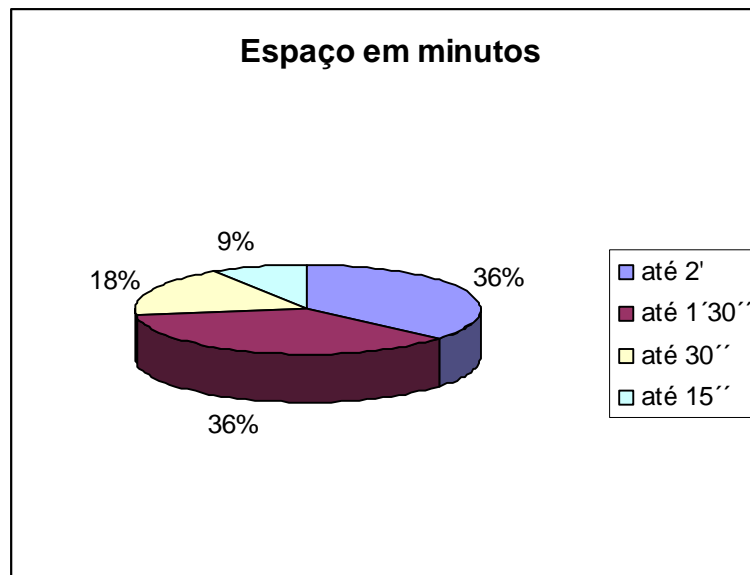
Com base nas nove matérias jornalísticas analisadas, verifica-se também que em mais da metade das matérias às fontes envolvidas são autoridades e em nenhuma outra se encontra a presença de familiares, população ou os próprios internos. A cobertura desse jornal ofereceu um tratamento indigno aos adolescentes que cometeram atos infracionais. No conjunto de matérias, dá ênfase aos seguintes temas: operação especial que a polícia montou para recapturar foragidos do Cajé depois de saírem para passar o fim de ano com a família, balanço sobre o fim de semana violento no Distrito Federal e que segundo a polícia alguns dos crimes podem ter sido cometidos por presos que ainda não retornaram do saidão, sobre a visita de secretários de justiça e segurança no Cajé e fugas de internos.

Olha, há uma preocupação muito grande. Primeiro, o *DF Record* é um jornal legal, e quando eu digo legal é porque é dentro da lei. Então, em primeiro lugar, se a gente for fazer uma denúncia e colocar em risco a vida de um funcionário ou, se a gente vai fazer uma denúncia que a pessoa seja apenas

acusada, temos que tomar todos os cuidados. Isso vale para todo tipo de jornalismo, não só para essas questões voltadas para o Cajé. O Cajé especificamente a gente toma um cuidado a mais, porque são adolescentes. Então, por exemplo, cuidado para não mostrar o rosto, ter autorização, quando é um caso que tem que divulgar. Sobre mostrar a cara de um adolescente na televisão, eu acho que tem que relacionar a cara dele com uma coisa boa, se não você tá fazendo nada de bom e não prestando nenhum serviço social. (Editor-chefe do Telejornal *DF Record*, Flávio Figueiredo).

A maioria das informações que recebemos é divulgada por funcionários da própria instituição. Ou então, por familiares que entram em contato com a imprensa. Vale considerar que o medo da exposição na televisão pode gerar a divulgação tardia das situações. Em muitos casos recebemos a informação que já aconteceu há algum tempo. (Produtora do Telejornal *DF Record*, Aline Nascimento).

Gráfico 4.



Os assuntos relacionados ao Cajé tiveram no máximo espaço de até dois minutos no telejornal, considerado suficiente pelo editor-chefe, Flávio Figueiredo.

Eu acho que não devemos avaliar na questão da cobertura, se foi boa ou não, pela quantidade de matérias. Mas é porque o Cajé realmente rendeu muito assunto. Esse ano houve várias rebeliões, tentativas de fugas, acompanhamos a fiscalização dos secretários no Cajé e na granja das oliveiras. Portanto, realmente houve muito fato, por isso, que houve muita cobertura. (Editor-chefe do Telejornal *DF Record*, Flávio Figueiredo).

Eu particularmente acho que não é suficiente. Primeiro, temos um tempo muito pequeno. E o Jornal impresso pode dar uma atenção maior para o assunto. São veículos diferentes. Na televisão temos a imagem e pouco texto. Tempo hoje em TV é nobre. Produzir uma matéria sobre a realidade de uma instituição em um minuto é complicado. Você não consegue, há não ser que se faça um especial de uma semana, mesmo assim tentar mostrar, reproduzir de fato a realidade daquele lugar. Tem de se levar em consideração a história da instituição. Mas, tentamos ao máximo divulgar à sociedade a realidade dos fatos. (Produtor do Telejornal DF Record, Aline Nascimento).

É obvio que hoje o jornal vende muito mais quando noticia as situações de ocorrências, que quando publica um projeto social, como o “Cidadão República”, que emprega os meninos e mostra o trabalho de ressocialização. Mas, também temos esse apoio da imprensa. Nesse projeto mesmo tivemos um bom espaço na mídia. E isso, graças à relação de seriedade e de nunca ocultar nada, independente se a notícia seja negativa ou positiva. Então, essa relação trouxe credibilidade para com os jornalistas. (Assessora de imprensa da Sejus, Viviane Santiago).

Desde quando eu assumi a direção houve muitas entrevistas. Grande parte delas sobre as ocorrências, delitos dentro do centro. Já sobre as atividades realizadas aqui dentro quase não há procura de repórteres. Eu estava com 10 dias quando começamos o primeiro projeto. As atividades acontecem desde janeiro e não param. Quando há lançamentos de projetos a imprensa é convidada. Não é uma questão pura de marketing. A sociedade precisa saber como está sendo investido o dinheiro. No entanto, é desconhecido para a população o que seja a medida socioeducativa, a instituição. Para grande parte das pessoas não existe ressocialização, é prisão e acabou. (Diretora do Cajé, Heloisa de Carvalho)

Na maioria dos momentos houve sim uma participação democrática, houve abertura para o Estado e para os servidores se posicionar. Em alguns momentos percebemos a dificuldade, talvez pela questão do tempo, por exemplo, de haver a apresentação de uma idéia ou pôr não conseguir abrir um espaço para debate. Porque o apresentar fatos isolados, não por culpa do jornal, mas por culpa do tempo, em alguns momentos privilegia-se uma parte em detrimento à outra. Então precisamos separar aí o quê? Do ponto de vista de apresentação do fato o espaço é muito bom. Porém, falta a questão do debate do assunto que poderia favorecer no sentido de melhor democratizar os fatos. (Diretor do Sindicato dos Funcionários do Cajé, Cássio Vieira).

5 Considerações Finais

Presente em todos os âmbitos da sociedade, a mídia tem hoje um importante papel social entre a população. Diante das desigualdades e do abismo social criado no país ao longo dos séculos, ela tem o dever de não apenas informar as pessoas a respeito do que acontece na sua comunidade, no país ou no mundo como também de conscientizá-la a respeito de um comportamento mais humano e responsável⁹.

Já diria Roger Silverstone que devemos pensar na mídia como um processo, um processo de mediação. Para tanto, é necessário perceber que a mídia se estende para além do ponto de contato entre textos midiáticos e seus expectadores.

Esse papel de conscientização e integração social passa, inclusive, pela fiscalização do poder público, já que é dever do governo garantir segurança à população. Se a violência cresce a cada dia, é porque há algo errado nas esferas responsáveis por garanti-la. Cabe, então, aos meios de comunicação saber divulgar o que tem impedido o desenvolvimento social.

A ideologia que discrimina e desconhece os adolescentes em conflito com a lei como “sujeitos” sem direitos e os substantiva como “menores” se produz na sociedade e se retrata na imprensa por meio do estigma de marginalidade. Há, por fim, a necessidade de treinar o olhar do profissional para perceber a riqueza humana, explorar artes dos fazer cotidianos e entender a dinâmica social, política e econômica da cidade para o jornalismo regional.

Fazer Jornalismo é fazer história. É intervir e colocar questões, É agregar a sociedade e dizer quem ela é: sua cultura, seu povo, suas artes e, claro, seus conflitos, seus preconceitos e valores.

⁹ EUCLIDES, Sérgio. **Crítica da Mídia**. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), fev. 2007. Notas de aula.

Referências

BRASÍLIA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 10 de Agosto 2007.

BRASÍLIA. **Edital ENCCEJA 2007**. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/gcs/file.asp?id=10605>>. Acesso em: 10 de Agosto 2007.

EUCLIDES, Sérgio. **Crítica da Mídia**. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), fev. 2007. Notas de aula.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios**. Brasília: Secretaria de Planejamento do Distrito Federal, 2004. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br>>. Acesso em 21 setembro 2007.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **Discurso da Violência. As marcas da oralidade no jornalismo popular**. São Paulo, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da psicanálise**. Rio de Janeiro, 1978.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV. Manual de Telejornalismo**. São Paulo, 1987.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** 1ª ed. São Paulo, 2002.

TAVOLARO, Douglas. **Normas de Telejornalismo Regional da Record**. São Paulo, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. 1ª ed. São Paulo: Martins pontes 2003.

Glossário¹⁰

Arquivo – departamento do jornalismo que seleciona e guarda imagens, exibidas ou não, e que poderão ser reutilizadas em perfis, retrospectivas ou quando for necessário relembrar um episódio para contextualizar a matéria.

Arte – Ilustrações como mapas, gráficos, vinhetas. Podem ser ou não animadas.

Cabeça – texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

Close – plano de enquadramento fechado na cena, no objeto ou na pessoa que se quer destacar.

Deadline – prazo para o repórter mandar para a redação fitas com imagens, entrevistas e textos feitos na rua. O editor também tem tempo limitado para finalizar o trabalho. Para que o editor-chefe possa assistir ao VT e fechar o jornal com segurança, é ideal que a matéria esteja pronta, pelo menos, quinze minutos antes da exibição.

Edição – montagem de áudio e vídeo.

Editor-chefe – responsável pelo telejornal. É dele a palavra final, a decisão, no fechamento, do que deve cair ou ser exibido.

Espelho – previsão do que será o jornal, com a ordem de entrada das matérias e o tempo estipulado para cada uma delas. Ajuda a equipe a visualizar o conjunto da obra e o editor-chefe a não estourar o tempo previsto para o jornal.

Gancho – atualidade ou informação que justifica realizar uma reportagem.

Link – ligação entre dois ou mais pontos para transmissão, ao vivo, das imagens.

Matéria – o mesmo que reportagem.

Narração – gravação do texto.

¹⁰ Glossário baseado nos livros:

BISTANE, Luciana ; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**, São Paulo: Contexto, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: Manual de telejornalismo, Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Nota seca ou pelada – texto curto sem imagens, lido ao vivo pelo apresentador.

Nota coberta – texto coberto com imagens. Pode estar gravado.

Nota-pé: informação que é lida depois da matéria e traz informações complementares.

Off – texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

Off-the-record ou em off – informação obtida de uma fonte que não quer se identificar.

Pauta: previsão de assuntos de interesse jornalístico. É o roteiro dos temas que serão cobertos pela reportagem.

Pauteiro – a função do pauteiro é marcar entrevistas, pedir autorização para a gravação de imagens, levantar dado por telefone, organizar essas informações e fazer um roteiro de trabalho para a equipe de reportagem.

Povo-fala – entrevistas feitas aleatoriamente com pessoas na rua para colher uma amostragem de opinião sobre temas específicos.

Press-release – material de divulgação elaborado pelas assessorias de imprensa.

Produtor – produtor é aquele que fareja a notícia, que corre atrás da informação até juntar as peças do quebra-cabeça que compõe uma investigação. Ele é capaz de reconhecer temas relevantes que podem se transformar em matérias e que passariam despercebidos para os outros. Exerce a função de repórter, embora não apareça no vídeo. São os produtores que descobrem matérias capazes de diferenciar um telejornal de outro.

Repórter – jornalista que recolhe as informações, redige o texto e faz entrevistas para a construção de uma reportagem. Realiza também entradas ao vivo.

Sonora – entrevista gravada.

Apêndice A - Entrevista com a Diretora do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), Heloisa de Carvalho.

Pesquisadora - Você acompanhou a administração de quatro delegadas diretoras do Caje. Como foi assumir a direção depois de oito anos como assessora das ex-diretoras? Houve muitas mudanças de Janeiro pra cá?

Heloisa de Carvalho - A dinâmica toda muda. Quando se assume uma direção, por mais que você esteja acompanhando os trabalhos em desenvolvimento, a sua forma de gestão é diferente. Nosso primeiro passo foi o reordenamento do modelo operativo da casa. Aqui é uma casa de ressocialização, de educação. Partimos do princípio que a educação tem de permear vinte e quatro horas e não apenas dentro da sala de aula. Não diria que há reeducação, mas sim, educação. E a partir disso, criamos, o que chamamos de energia de setores. A escola saiu daquela visão limitada à dentro de sala de aula. Desenvolvemos extensão de estudos nas oficinas, no acompanhamento técnico e profissionalizante. Quebramos alguns paradigmas e foi aí que nasceu o projeto “Adolescente nota 10”. Os nossos professores também passaram por uma revisão de capacitação. Todos têm que trabalhar juntos, tem que ter a mesma linguagem.

Pesquisadora – Algumas instalações do Caje são de 1976, quase 31 anos atrás. Essa estrutura arquitetônica dificulta as atividades com os adolescentes?

Heloisa de Carvalho – A instituição nesta época era muito pequena e por isso atendíamos 45 meninos. Na verdade, os meninos infratores eram encaminhados para a Colméia no Gama. Aqui, funcionava uma espécie de triagem. A unidade se chamava Centro de Observação de Menores. Em 28 de Janeiro de 1994, em função de uma lei, foi criada a categoria de agente social. E daí mudou-se o foco do Centro. Portanto, houve a necessidade de aumentar a estrutura e foi-se fazendo um aumento aqui, outro ali. Na minha avaliação, não há condições de entregar uma proposta pedagógica sem ter espaço propício. O Caje não foi planejado, o que dificulta muito o nosso trabalho. A estrutura arquitetônica não favorece, é construído por concreto armado, o que facilita os meninos retirem ferros, o que chamamos de estoque, assim eles confeccionam facas artesanais, material perfuro-cortante.

Pesquisadora - Atualmente o Caje abriga quantos adolescentes infratores? Ultimamente como tem sido a convivência entre eles?

Heloisa de Carvalho – O número muda muito. Hoje, tenho 237 com espaço para 240. Não estou com a casa superlotada. Os adolescentes quando chegam aqui tem muitos problemas de relacionamento. Andam sempre acompanhados, tem horários. Os meninos e meninas são abrigados em módulos. Temos também a “Casa de convivência”, lá o adolescente tem oportunidade de ficar mais livre. É um voto de confiança que damos. Um exemplo é que, lá ele anda desacompanhado. Aqui quebramos o mito de que o menino precisa andar sempre escoltado. Na Casa de

Convivência já conseguimos reunir adolescentes de vários módulos. O adolescente que era de maior preservação e integridade física convive com outros. Mostramos para eles que é possível a convivência. Hoje são apenas 10 jovens na casa de convivência. Criamos a excelência, o que estimula os outros.

Pesquisadora - Grande parte da sociedade acredita que só a medida socioeducativa não é eficaz para os adolescentes. Como que é trabalhar com os adolescentes que, em muitos casos, tiveram a família envolvida na vida do crime?

Heloisa de Carvalho – É um grande desafio. Modificar a história de uma adolescente em dois anos no máximo não é uma tarefa fácil. Ressocializar entre muros. Ele vai voltar para a sociedade, não será um interno do Caje eternamente. Então a ressocialização acontece, de fato, lá fora. Aqui é uma prévia. O início dela. Mas, ressocialização é no meio sócio-familiar. O que tem de ser considerado é que, aqui, ele não fica impune ao que ele cometeu. Não existe essa história da impunidade. Ele está aqui porque cometeu um delito e precisa pagar pelo ato infracional. Tanto que você não encontra no estatuto artigos de atos infracionais, de crime. É de acordo com o código penal. O artigo 121 não está no estatuto. Ele é sentenciado. A diferença é que ele não cumpre uma pena e sim uma medida sócio-educativa. Isso que é difícil da sociedade entender. O menino está privado de liberdade. Ele recebe uma punição, até três anos pela legislação. Até 20 anos, 11 meses e 29 nove dias, ele ainda cumpre a sentença. Agora, aos 21 anos ou, quando completar três anos de internação a liberação é compulsória. Já tivemos casos de meninos que ficaram dois dias, pois dois dias depois completou 21 anos. Mas cumpriu a medida.

Pesquisadora - A imprensa procura com frequência a instituição? Houve muitas entrevistas desde Janeiro?

Heloisa de Carvalho – Desde quando eu assumi a direção houve muitas entrevistas. Grande parte delas sobre as ocorrências, delitos dentro do centro. Já sobre as atividades realizadas aqui dentro quase não há procura de repórteres. Eu estava com 10 dias quando começamos o primeiro projeto. As atividades acontecem desde janeiro e não param. Quando há lançamentos de projetos a imprensa é convidada. Não é uma questão pura de marketing. A sociedade precisa saber como está sendo investido o dinheiro. No entanto, é desconhecido para a população o que seja a medida socioeducativa, a instituição. Para grande parte das pessoas não existe ressocialização, é prisão e acabou.

Pesquisadora - A diretoria acompanha os noticiários sobre a instituição? Atualmente o Caje conta com uma Assessoria de Imprensa veiculada à Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Distrito Federal. Mudou em alguma coisa?

Heloisa de Carvalho - Pela dinâmica da casa e pelo próprio ritmo do dia-a-dia não dá pra acompanhar a mídia. Eu mesmo, quase não vejo as minhas declarações. Nem sempre temos acesso às reportagens. Temos alguns registros de matérias de jornais guardados na casa. Pela primeira vez na história do Caje contamos com uma Assessoria de Imprensa. Não temos a mesma autonomia, mas dá uma segurança bem

maior seguir as orientações da Assessoria. Em alguns casos não preciso me preocupar tanto.

Pesquisadora - A imprensa tem noticiado com afinco os acontecimentos da instituição?

Heloisa de Carvalho - Temos notado que nos últimos meses a imprensa até tem noticiado positivamente sobre o Caje. Mas, é claro que isso não dá à mesma cobertura, do que quando o assunto é problema. A visibilidade é outra. Acho que pela primeira vez um dos nossos projetos saiu em rede nacional. Foi o Projeto República, que é resultado do trabalho educativo e profissionalizante que vem sendo realizado no Caje. Por meio da escola, das oficinas profissionalizantes e no apostar no ser humano é que buscamos mudar a realidade desses adolescentes. Mas a imprensa veicula ainda muito timidamente esse tipo de realizações. O que se passa para a sociedade, para aqueles que só conhecem de ouvir falar, do ler, é tão superficial que, quando as pessoas entram no centro levam até um susto. Temos escola, oficinas, meninos andando até sozinhos dentro dos módulos. É impressionante! Quando aparecem repórteres aqui os procedimentos são sempre os mesmos. Pede-se para o adolescente ficar atrás das grades e passa a imagem só da contenção.

Pesquisadora - Como que a imprensa tem representado o adolescente do Caje?

Heloisa de Carvalho - Na realidade o tempo inteiro a mídia vitimiza o adolescente e a instituição é algoz. Vemos muito isso, a instituição nunca funciona, que todo o sistema falhou e a instituição não consegue dar uma resposta. A sociedade também faz isso. A imprensa também cria algumas situações que são verdadeiras. Infelizmente até pegam registros, imagens de arquivo. Então, o que a sociedade vai pensar, acha que aqui só tem monstro. Mas existe uma hipocrisia, porque ao mesmo tempo pedem para baixar a maioria penal. E ao mesmo tempo crucifica-se a instituição porque ela precisa fazer um milagre de transformar uma vida que já vinha 15, 16, 17 anos que já pertencia a um grupo, uma comunidade, uma cidade, com valores daquele meio.

Pesquisadora - O comportamento de adolescentes é imprevisível. O que acontece quando a imprensa chega, ou a Comissão de Direitos Humanos da OAB ou o CEDECA?

Heloisa de Carvalho – É impressionante a postura dos adolescentes. Quando chega imprensa aqui eles podem estar bem. Mas começam a gritar: olha os maus-tratos. Eles já estão acostumados com a mídia entrando aqui pra ver só a questão negativa, e nessa hora mandam ver. Porque, por melhor que seja a situação dele aqui dentro, ele está privado da liberdade. Ele não aceita. Ele se acha vítima e não o vitimizador. É um poço de reclamação o tempo inteiro. Eles não têm direito de ir e vir. E o ir e vir deles não é escola, é sair, é rua.

Pesquisadora – O que acontece quando ocorre um fato muito grave na instituição e você tem de dar respostas para os órgãos e a imprensa. Qual a postura adotada no meio da confusão?

Heloisa de Carvalho - É uma pressão muito grande. Tenho que dar uma resposta a casa. Pois quando existe uma ocorrência muito séria mexe com a casa inteira. Os meninos fazem uma leitura, os servidores fazem outra leitura e você tem que conviver com uma pressão externa também. É preciso dar respostas para autoridades, órgãos, a Vara da Infância. Não vou esquecer do dia que a Comissão de Direitos Humanos da OAB esteve aqui e havia convidado a imprensa toda para acompanhar a visita. Neste dia ocorreu uma fuga que foi muito veiculada. Imagina a loucura. Mas, eu preciso passar tranquilidade, não posso ficar desesperada. Tenho que controlar a situação.

Apêndice B – Entrevista com um dos Diretores do Sindicato dos Funcionários do Centro de Atendimento Juvenil e Especializado (Caje), Cássio Vieira.

Pesquisadora – Qual é a atual situação de trabalho e relação com a direção do Caje?

Cássio Vieira – Hoje, a relação de trabalho no caje melhorou. Em que aspecto? A superlotação não existe. Nesse ponto nós podemos admitir que houve uma melhora, porém, do ponto de vista material e de estrutura da unidade, continua com as mesmas deficiências. Os carros da unidade são velhos, equipamento, para todos os trabalhadores, de forma geral, não existe. No caso de uma invasão numa ala ou no caso de um transporte você não tem equipamento de segurança para todos os servidores. Há uma dificuldade grande do servidor ainda em ter acesso àquilo que ele deseja planejar para o seu dia-a-dia de trabalho. Ou seja, não há uma discussão entre o servidor e a direção em relação ao que tem que ser feito na unidade. O que dificulta muito os anseios do servidor na prática pra colocar suas idéias no trabalho. Então, do ponto de vista material, há muito que se desenvolver, há muito que melhorar dentro da unidade e do ponto de vista de relacionamento há uma grande dificuldade do servidor com a unidade.

Pesquisadora – E a relação com os internos da unidade?

Cássio Vieira - A relação com o adolescente tem que ser dividida entre dois aspectos: primeiro, onde há interesse do menino em ouvir ou conversar com o servidor e segundo do ponto de vista da idéia de cada servidor em relação ao projeto que está sendo implantado. Isso por quê? Hoje, em Brasília, temos três unidades em funcionamento, sendo que não temos um projeto único de atendimento para os internos. Cada unidade trabalha de acordo com o seu interesse, sua visão, com seu contrato, pode se dizer. A exceção é que, o Caje, tem que atender seja qual for o numero de adolescentes. Mas, não há hoje do ponto de vista do estado, nenhum tipo de intervenção no sentido de dizer o nosso projeto é esse. Então, se passa a ter aí um atendimento individual do servidor com o menino porque ele não tem um projeto a seguir. Ao passo que, se você tem uma unidade vazia é mais fácil você ter um acesso ao menino e você poder manter uma conversa ou um relacionamento com esse menino. Se a unidade vai inchando, já passa a ter maiores dificuldade de relacionamento com o menino. Agora, haja vista que

o governo não tem programa de atendimento para os meninos, o projeto que é executado hoje não foi discutido e não foi apresentado para os servidores da unidade.

Pesquisadora – E com relação aos projetos sociais em atividade?

Cássio Vieira - Os projetos que estão em funcionamento e que, a gente avalia que é um avanço, são idéias que vêm da direção e de um pequeno grupo e que são implantadas sem a discussão de quem representaria o projeto para a unidade. O grande problema é esse. Não há uma discussão entre os servidores e a direção ou uma apresentação do projeto, até para que o servidor possa participar e se integrar mais no projeto. O que ocorre é que, o servidor fica alheio ao projeto, ele pode até saber ou não saber do projeto, o que é pior. E não há essa participação e integração. Ou até mesmo um encaminhamento de um menino ou outro. O servidor tem o entendimento e que poderia participar do projeto acaba não se envolvendo porque não foi apresentado nada a ele.

Pesquisadora – O Telejornal tem noticiado com afinco a realidade que se passa dentro da instituição? O funcionário do Cajé hoje tem espaço na mídia?

Cássio Vieira - Na maioria dos momentos houve sim uma participação democrática, houve abertura para o Estado e para os servidores se posicionar. Em alguns momentos percebemos a dificuldade, talvez pela questão do tempo, por exemplo, de haver a apresentação de uma idéia ou pôr não conseguir abrir um espaço para debate. Porque ao apresentar fatos isolados, não por culpa do jornal, mas por culpa do tempo, em alguns momentos privilegia-se uma parte em detrimento à outra. Então precisamos separar aí o quê? Do ponto de vista de apresentação do fato o espaço é muito bom. Porém, falta a questão do debate do assunto que poderia favorecer no sentido de melhor democratizar os fatos.

Pesquisadora – O sindicato tem dificuldade de pautar o Telejornal?

Cássio Vieira -- Nós já tivemos dificuldade de apresentar, não do ponto de vista de dados, mas talvez de pauta. A emissora já está com a pauta ou grade fechada. Às vezes, o assunto tenha sido discutido em semanas anteriores, mas não se deu o enfoque necessário. Ou até do ponto de vista da matéria ser encaminhada sem uma discussão com o sindicato. Mas o acesso ao ligar e com quem conversar sempre foi tranquilo, sem problemas.

Pesquisadora – Hoje o servidor tem medo de expor problemas da instituição na mídia? Por quê?

Cássio Vieira – Sim, com certeza. Os servidores do Cajé, por mais que sejam servidores públicos, ainda sofrem perseguições por parte da direção da unidade e por parte do Estado, por meio da Secretaria. Para você ter uma idéia, hoje, dentro da unidade, é proibido que o sindicato afixe cartazes. Mesmo sendo servidores da Secretaria, o acesso do sindicato dentro da unidade é muito pequeno. Os servidores sofrem constantes ameaças de serem colocados à disposição e perderem a gratificação

de risco, que recebem dentro da unidade, e acabam sendo reféns dessa gratificação. São servidores que, por qualquer motivo, respondem por sindicâncias. O Estado vem cobrando muito do servidor. Mas não abre espaço para debates e discussões. Muitas das reuniões que ocorrem com os servidores são reuniões que, como já disse, sobre o foi dito não há o que questionar. Se não quer, pede para sair da unidade. Então, realmente, o servidor do Caje ele está acuado, amedrontado em relação ao embate com a direção da unidade. O que dificulta a abertura de informações para a imprensa.

Pesquisadora - Como que é a rotina do servidor dentro do Caje?

Cássio Vieira - Somos 450 servidores e 350 filiados. A rotina é pesada. É uma unidade que, por mais que esteja tranquilo, o funcionário não pode abrir mão de alguns princípios de segurança. Então há sempre uma desconfiança, um porque de alguma coisa estar acontecendo. E, como ele tem vários receios com o seu relacionamento com o interno, a vida ali dentro é bem difícil.

Pesquisadora – Como o sindicato dos servidores avalia as notícias que divulgam fatos relacionados entre internos e funcionários?

Cássio Vieira - Não por parte do jornal, mas o que vemos é que, por parte do Estado, e por parte da Defensoria, Ministério Público e Promotoria, há sim uma vitimização. Entende-se que o servidor está ali não por parte do Estado. Estas instituições dificultam realmente a visão de que o servidor é um ser humano, pai de família trabalhando. Mas a imprensa tem aberto o espaço, agora, cabe aí o jornal abrir espaço para todos, né, então não podemos dizer que é culpa da imprensa, mas falta de perspectiva da realidade dos órgãos que cercam o interno.

Apêndice C – Entrevista com a atual Assessora de Imprensa da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Distrito Federal (Sejus), Viviane Santiago.

Pesquisadora – Este é o primeiro ano de existência da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (SEJUS) no Governo do Distrito Federal. Porque surgiu a idéia de estabelecer uma Assessoria de Imprensa para o sistema penitenciário e de medidas socioeducativas?

Viviane Santiago – Com o plano de cortar gastos, e por determinação do governo Arruda, diminuíram-se os cargos e as secretarias, que eram quase trinta. Criou-se, portanto, a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania, que além de outros setores, recebeu todo o sistema penitenciário e de medidas socioeducativas. Com isso, percebeu-se necessidade de estabelecer a relação direta da Assessoria de Comunicação com as unidades.

Pesquisadora - Como é a relação da Assessoria de Comunicação da Secretaria com o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE)?

Viviane Santiago – Desde que chegamos aqui, na Secretaria, sempre fazemos a ronda por todo o sistema, que atualmente estamos gerenciando. Mantemos contato direto e diário com a direção do Cajé. Hoje, somos informados pela direção do Cajé sobre todas as ocorrências, atividades e projetos que serão realizados com os internos, para que possamos divulgar para a imprensa. O objetivo é mostrar um outro lado do Cajé, que a sociedade desconhece, no qual se insere o processo de ressocialização, além da preocupação com o bem estar dos internos. Da mesma forma, quando ocorre fugas ou brigas ou ainda ocorrências mais graves, também somos avisados e comunicamos para a imprensa. A mídia nos ajuda e está nos apoiando em todas as situações. Por isso, preservamos esse contato diário com a direção do Cajé, para que quando houver situações noticiosas possamos divulgar com fidelidade para a imprensa.

Pesquisadora - No início dos trabalhos, houve alguma resistência por parte da direção do centro?

Viviane Santiago - A administração anterior do Cajé já tinha uma boa relação com a imprensa. Era uma direção que estava sempre com as portas abertas para os Direitos Humanos, Parlamentares Distritais e imprensa. O que existe de diferente hoje é uma Assessoria responsável para cuidar da instituição e fazer essa ponte entre os jornalistas e o Centro. Uma equipe atenta a todas as situações que ocorrem dentro das unidades socioeducativas. O que antigamente era mais uma preocupação da direção do Cajé. Não existia a figura do assessor. Não houve nenhuma dificuldade de estabelecer essa relação.

Pesquisadora – Por quantos profissionais da área de Comunicação o quadro da Assessoria é composto? Como funcionam os trabalhos?

Viviane Santiago - Somos uma equipe pequena em comparação a Secretaria que é quase um ministério. É uma Secretaria que tem seis subsecretarias, que cuida de todos os sistemas penitenciários, medidas socioeducativas, órgãos veiculados como o Procon, Na Hora, todos os conselhos tutelares. Mas temos um jornalista responsável pelo sistema penitenciário e de medidas socioeducativas que por serem sensíveis e por merecerem uma atenção especial. Esse jornalista fica circulando pelas unidades para repassar à minha coordenação o que há de novidades e necessidades.

Pesquisadora - A imprensa tem noticiado com fidelidade os fatos ocorridos no Cajé? Os veículos atendem às sugestões de pautas da Assessoria?

Viviane Santiago – A partir do momento que acontece alguma situação seja ela positiva ou negativa, como por exemplo, uma tentativa de fuga, a nossa equipe entra em contato com os colegas, com os veículos de comunicação e somos atendidos imediatamente. É obvio que hoje o jornal vende muito mais quando noticia as situações de ocorrências, que quando publica um projeto social, como o “Cidadão República”, que emprega os meninos e mostra o trabalho de ressocialização. Mas, também temos esse

apoio da imprensa. Nesse projeto mesmo tivemos um bom espaço na mídia. E isso, graças à relação de seriedade e de nunca ocultar nada, independente se a notícia seja negativa ou positiva. Então, essa relação trouxe credibilidade para com os jornalistas.

Pesquisadora - Existem dificuldades ou muitas burocracias que impedem o jornalista de produzir matérias sobre o Cajé?

Viviane Santiago - Não. Não tem problema. É preciso, sim, que o jornalista cumpra algumas determinações legais que fogem da responsabilidade da Secretaria. Existe uma legislação prévia aqui. Para você entrar em uma unidade de Medida Socioeducativa é necessário obter uma autorização judicial do juiz da infância e da adolescência. Essa autorização independe de nós. Se você chegar aqui e falar: “Viviane eu quero fazer uma matéria no Cajé” vou achar ótimo e te darei o caminho das pedras. Então não existe problema nenhum. Embora exista essa tramitação burocrática na Justiça, não é nada muito difícil e demorado.

Pesquisadora - Os fatos ocorridos no Cajé condizem com as reportagens publicadas? Já houve alguma deturpação na veracidade dos fatos?

Viviane Santiago - Isso depende de cada veículo. Alguns permanecem fiéis ao que é passado e outros escrevem de maneira própria, o que pode passar para o leitor a sensação de ambigüidade. Mas, a maioria tem sido bem fiel às situações. Agora, alguns estilos de determinados jornais impressos e emissoras, costumam levar a matéria para um lado tendencioso ou talvez sensacionalista, mas isso também foge da nossa responsabilidade. Procuramos ser fidedignos quando reportamos às informações. Eu classifico como uma cobertura boa. Vamos completar um ano de existência e ainda não tivemos maiores problemas com a imprensa.

Pesquisadora - Há diferenças entre as coberturas da imprensa escrita e da imprensa televisiva?

Viviane Santiago - A televisão trabalha com a imagem e o impresso não. Então às vezes na imprensa escrita os jornalistas precisam dar uma conotação ou enfatizar alguma situação. Isso faz com que, em alguns casos, nós achemos que a matéria tomou um rumo mais sensacionalista. A televisão trabalha com duas linguagens, e, por exemplo, a declaração do secretário exibida naquele exato momento não pode voltar atrás. A mídia televisiva também exige mais clareza, objetividade. E já o jornal pode contar toda a história, explorar mais os detalhes e aí pode dar margem à interpretações que não condizem com a realidade dos fatos.

Pesquisadora - E quando ocorre um fato novo no Cajé, quais são as primeiras providências? A direção do centro reporta a notícia imediatamente para a Assessoria de Comunicação da Secretaria?

Viviane Santiago – Sim, imediatamente eles me ligam. A primeira reação da diretora é me avisar, além de claro de tomar as providências emergenciais. Eu me interio de toda a situação, formalizo um release e repasso por e-mail e por telefone para os veículos de

comunicação. Geralmente marco uma coletiva com o responsável direto ou com o superior. Na maioria dos casos o próprio Secretário atende os jornalistas e a imprensa valoriza isso. Pois quando você obtém uma resposta direta do Secretário a informação ganha um peso maior. Então, a equipe da Assessoria começa a alimentar os veículos, o que chamamos de suíte. Até que a notícia não seja mais notícia. E quando você trabalha com o sistema penitenciário ou medida socioeducativa você não pode desligar, é 24hs. O rádio o tempo todo e qualquer situação fora da rotina somos avisados, independente do dia e horário. Ainda assim, entramos em contato com a imprensa. Com a tecnologia de hoje por onde você estiver conseguimos entrar em contato com as pessoas. Procuramos noticiar tudo, não esconder nada. É uma determinação do Secretário. Ele adota a seguinte filosofia: “que tudo as claras é melhor, e assim não há motivo pra ninguém criar uma situação ou fugir daquele ponto de realidade”. Então, independentemente da notícia, ele quer que a gente divulgue. Além disso, ficar escondendo fatos da imprensa só pode dar margem à interpretações errôneas.

Apêndice D - Entrevista com o Editor-chefe do Telejornal *DF Record*, Flávio Figueiredo. Antes, foi coordenador de produção do jornal.

Pesquisadora – Qual é o perfil do Telejornal *DF Record*?

Flávio Figueiredo – É factual. É um telejornal como outro qualquer, portanto, todo factual deve ser coberto. Há não ser que seja um assunto que não interessa a comunidade. O foco do nosso jornal é a comunidade. Se interessa à comunidade a notícia vai para o ar. Agora, se é uma notícia que não tem uma abrangência tão forte a gente dá uma nota. À medida que ela for considerada menos importante ou não tão interessante, fazemos uma nota-coberta e se não é tão interessante a ponto de render uma nota-coberta a gente dá uma nota seca.

Pesquisadora – Os fatos relacionados ao Caje interessam para o telejornal? Considerando tanto as ocorrências quanto os projetos de ressocialização?

Flávio Figueiredo – O Caje sempre está no foco da atenção. Primeiro, porque é um assunto que interessa a comunidade e, segundo, porque envolve um problema sério, que é a questão dos adolescentes e jovens infratores daqui de Brasília. Aliás, é um problema não só de Brasília, mas é um problema que desperta a atenção nacional, pois está ligado a discussão da maioridade penal, se eles devem ou não ser internados. Se apenas a internação é, ou não, suficiente. Eu digo que aqui em Brasília, de forma especial, interessa, pois aqui a situação é muito precária. Sabemos que o Caje enfrenta muitos problemas, construíram outras unidades e, de fato, resolveram os problemas das vagas, mas não resolveram, por exemplo, as condições de trabalhos dos funcionários.

Pesquisadora – Foi constato que, apenas nove matérias relacionadas ao Caje, foram veiculadas no Telejornal. A cobertura atual é suficiente?

Flávio Figueiredo – Eu acho que não devemos avaliar na questão da cobertura, se foi boa ou não, pela quantidade de matérias. Mas é porque o Cajé realmente rendeu muito assunto. Esse ano houve várias rebeliões, tentativas de fugas, acompanhamos a fiscalização dos secretários no Cajé e na granja das oliveiras. Portanto, realmente houve muito fato, por isso, que houve muita cobertura.

Pesquisadora – A editoria do telejornal apóia os projetos sociais realizados dentro da instituição? São divulgadas de fato as atividades?

Flávio Figueiredo – Com certeza. O último que cobrimos foi o *Afro reggae* quando estiveram na cidade e passaram um dia todo no Cajé. Porque o interessante é não é só divulgar os fatos negativos. Não necessariamente tenha que ser um assunto ruim, basta ser uma boa iniciativa ou atividade que esta acontecendo dentro de uma instituição. Também acho que é uma coisa legal de se divulgar. Então a gente divulga.

Pesquisadora – De fato, o telejornal pauta fatos do dia, o factual, mas como são produzidas as matérias do Cajé? É necessária uma atenção maior? Qual foi a última matéria produzida veiculada no telejornal?

Flávio Figueiredo – Eu não sei se houve matéria produzida. Mas as matérias sobre o Cajé normalmente a gente tenta produzir, mesmo que sejam factuais. A gente tenta lembrar das historias que mais marcaram, porque o lugar é cheio de histórias, a gente procura ouvir pessoas que às vezes extrapolam ao fato do dia. No caso de uma rebelião, por exemplo, a gente vai além de ouvir pais e mães. A gente procura tentar colocar uma luz no fundo do túnel. Então a gente está tentando fazer as matérias do Cajé e normalmente são produzidas.

Pesquisadora – Há uma preocupação com as fontes? Como que se estabelece essa relação? Como que o adolescente ou jovem infrator é representado?

Flávio Figueiredo – Olha, há uma preocupação muito grande. Primeiro, o *DF Record* é um jornal legal, e quando eu digo legal é porque é dentro da lei. Então, em primeiro lugar, se a gente for fazer uma denuncia e colocar em risco a vida de um funcionário ou, se a gente vai fazer uma denuncia que a pessoa seja apenas acusada, temos que tomar todos os cuidados. Isso vale para todo tipo de jornalismo, não só para essas questões voltadas para o Cajé. O Cajé especificamente a gente toma um cuidado a mais, porque são adolescentes. Então, por exemplo, cuidado para não mostrar o rosto, ter autorização, quando é um caso que tem que divulgar. Sobre mostrar a cara de um adolescente na televisão, eu acho que tem que relacionar a cara dele com uma coisa boa, se não você tá fazendo nada de bom e não prestando nenhum serviço social.

Apêndice E - Entrevista com a produtora do Telejornal DF Record, Aline Nascimento.

Pesquisadora – A relação da produção do telejornal com assessoria de imprensa do Cajé é considerada boa?

Aline Nascimento – Posso dizer que atualmente a assessoria do Cajé é bem melhor com a imprensa. Antigamente tínhamos uma dificuldade muito grande em conseguir respostas. Hoje, a relação já melhorou bastante, esta bem mais aberta. A produção tem muito mais acesso às informações do Cajé do que anteriormente. O fato é que o Cajé tendo uma assessoria de imprensa própria facilitou a apuração dos fatos. E infelizmente com a correria de uma redação nem sempre as informações são bem apuradas.

Pesquisadora – Qual é o nível de comprometimento da produção do telejornal em cobrir os acontecimentos no Cajé? A cobertura é considerada suficiente?

Aline Nascimento – Eu não digo que seja uma boa cobertura. Mas posso dizer que temos dado as informações, a notícia. Infelizmente, quando se trata do Cajé a nossa produção sempre fala do lado negativo. Se o interno fugiu é notícia, se o interno agrediu um monitor ou um agente de segurança do Cajé também. Isso é notícia. É o que as pessoas querem ouvir e são as informações divulgadas para a imprensa. Infelizmente o que é noticiado sobre o Cajé não são fatos positivos, são raras as exceções.

Pesquisadora - Como que é a relação com as fontes?

Aline Nascimento – A maioria das informações que recebemos é divulgada por funcionários da própria instituição. Ou então, por familiares que entram em contato com a imprensa. Vale considerar que o medo da exposição na televisão pode gerar a divulgação tardia das situações. Em muitos casos recebemos a informação que já aconteceu há algum tempo.

Pesquisadora – Como é a produção de pautas relacionadas ao Cajé? Há discussão dos fatos em reuniões de pautas na semana?

Aline Nascimento – Não. Depende da situação e do contexto em que aconteceu o problema dentro da instituição. E quando se avalia a necessidade de uma cobertura, aí sim, contextualizamos a situação. Tomando como exemplo uma fuga. Precisamos saber quantas tentativas e fugas houveram desde janeiro, o histórico na instituição, quantos policiais estão empenhados no trabalho de recaptura, porque o adolescente fugiu, se foi falta de segurança, se foi falha na estrutura, e assim por diante. E em termos de projetos sociais é muito difícil. Só quando precisamos ouvir a associação de pais para contextualizar essa questão da ressocialização. Se há resultado nos trabalhos que são desenvolvidos ali dentro isso não é repassado para imprensa de maneira muito clara. Porque, quando a imprensa faz algum tipo de matéria no Centro, o que se vê são problemas de infiltrações, dentre outros. Não vamos encontrar um interno assistindo

uma aula de informática ou de repente numa quadra de esporte fazendo ginástica. Mas, é constatado nas visitas o adolescente desocupado.

Pesquisadora – Existe, na equipe do telejornal, setoristas destinados à cobertura do sistema penitenciário e de medidas socioeducativas aqui do Distrito Federal e Entorno?

Aline Nascimento - Não. Primeiro porque o jornal não tem número suficiente de jornalistas para poder ficar acompanhando cada editoria. Até porque é um jornal de cidade e muito factual. A prioridade é para o que está acontecendo naquele dia, no assunto do momento. Não há uma editoria específica pra cobrir política, crimes, enfim. O *DF Record* é um jornal voltado basicamente em ouvir e tentar responder aos anseios da comunidade. O Cajé só tá em pauta se estiver acontecendo algo de grave.

Pesquisadora – Qual foi a última matéria especial feita no Cajé?

Aline Nascimento – Não houve nenhuma durante este ano. Se eu não me engano, a última foi no ano passado, sobre as meninas do Cajé, como elas vivem.

Pesquisadora – A produção do telejornal encontra dificuldade para entrar no Cajé?

Aline Nascimento – Não. O que há de restrição para imprensa é o cuidado que se deve ter ao fazer as imagens dos adolescentes que são menores.

Pesquisadora – Como você avalia a cobertura do telejornal de Janeiro à Julho?

Aline Nascimento – Eu particularmente acho que não é suficiente. Primeiro, temos um tempo muito pequeno. E o Jornal impresso pode dar uma atenção maior para o assunto. São veículos diferentes. Na televisão temos a imagem e pouco texto. Tempo hoje em TV é nobre. Produzir uma matéria sobre a realidade de uma instituição em um minuto é complicado. Você não consegue, há não ser que se faça um especial de uma semana, mesmo assim tentar mostrar, reproduzir de fato a realidade daquele lugar. Tem de se levar em consideração a história da instituição. Mas, tentamos ao máximo divulgar à sociedade a realidade dos fatos.

Anexo A – Relação de reportagens publicadas sobre o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) no Telejornal *DF Record* de Janeiro à Julho de 2007.

Dia	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
1					CAJE tempo: 1'36''		
4					CAJE/OAB tempo: 1'25''		
6	OPERAÇÃO RETORNO tempo: 1'16''						
7							
8	MORTES DOMINGO tempo: 1'51''						
9					NOTA CAJE tempo: 15''		
10	VISITA CAJE tempo: 1'25''						

Dia	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
11				NOTA CAJE tempo: 13''			
26	BRIGA CAJE tempo: 44''						
28		RESCISÃO CAJE tempo: 2'15''					
29	FUGA CAJE tempo: 1'03''						
30	SUITE CAJE tempo: 52''						

TOTAL:
 9 MATÉRIAS FACTUAIS
 0 MATÉRIAS PRODUZIDAS
 2 NOTAS

Anexo B – texto das matérias completas, notas-cobertas e notas secas sobre o Cajé que foram veiculadas no Telejornal *DF Record* no primeiro semestre do ano.

1. OPERAÇÃO RETORNO – 06/01/2007

Tempo: 1'16"

CABEÇA – A polícia montou uma operação especial para recapturar foragidos do Cajé e da papuda. São cento e oitenta detentos e internos que saíram para passar o fim de ano com a família e não voltaram.

OFF1 – Duzentos e trinta e oito agentes de delegacias especializadas da Polícia Civil foram preparados para ir às ruas do Distrito Federal divididos em três grupos. Os policiais saíram por volta das oito horas da noite de ontem em setenta e sete viaturas.

PASSAGEM / Repórter Simone Moura – A operação retorno da polícia civil deve durar quarenta e oito horas. Além de combater a criminalidade em Brasília e cidades do entorno. A ideia principal é recapturar os foragidos do induto.

SONORA / Diretor da Polícia Civil – fala sobre a operação e do principal objetivo de recapturar os presos do sistema penitenciários e também do Cajé.

OFF2 – De acordo com a Secretaria do Sistema Penitenciário do Distrito Federal, quarenta e três pessoas que foram liberadas pela justiça no Ano Novo não voltaram para a prisão. No Natal a situação se repetiu de mil e setecentos e cinquenta e seis presos, quarenta e nove não retornaram. Já no Cajé, oitenta e oito saíram na virada do ano e vinte e sete internos ainda não retornaram para o centro.

NOTA-PÉ – Até o momento, a polícia recapturou apenas dois fugitivos da papuda e um interno do Cajé. Durante as buscas outros três homens foram presos. Um por porte ilegal de arma. Outros dois já eram procurados.

2. MORTES DOMINGO – 08/01/2007

Tempo: 1'51"

CABEÇA – Fim de semana violento no DF! Foram dez assassinatos da madrugada de domingo até hoje de manhã. Segundo a polícia, alguns crimes podem ter sido cometidos por presos que não retornaram do saidão. Em São Sebastião os ladrões mataram um homem e levaram quarenta e cinco reais.

OFF1 – As marcas de tiros estão na parede do bar. O comerciante morreu porque teria reagido à um assalto.

SONORA / parente da vítima 1 – fala que morreu dentro da propriedade dele.

OFF2- Segundo testemunhas o bar foi invadido por quatro homens encapuzados. Eles levaram cerca de quarenta e cinco reais, depois de matar Espedito Parente Rodrigues.

SONORA / parente da vítima 2 – fala da falta de segurança.

PASSAGEM / Repórter Bernardo de Castro – O assassinato em São Sebastião foi um dos dez cometidos na madrugada de domingo à manhã de hoje. Violência que assusta os moradores do DF.

SONORA / povo-fala

SONORA / povo-fala

OFF3- Para a policia o aumento da criminalidade nesta época do ano pode estar relacionada ao Saidão, dias que os presos saem da cadeia para ficar com a família no Natal e Ano Novo. Desde sexta-feira, duzentos e cinquenta homens participam de uma operação da policia civil. O objetivo: prender presos que não voltaram do induto de Natal.

NOTA-PÉ- Até agora, a policia recapturou oito dos cento e oitenta detentos e internos do Cajé que não voltaram do saidão. No total, dezenove pessoas foram presas por diferentes crimes.

3.VISITA CAJE – 10/01/2007

Narração de Tatiana Flores

Tempo: 1'25"

CABEÇA- O centro de reabilitação de adolescentes infratores, o Cajé, tem uma história marcada por fugas, rebeliões e até homicídios. Hoje, os novos secretários de justiça e segurança pública visitaram o local.

OFF1-Os secretários passaram por todas as áreas do Cajé. Conheceram as alas onde ficam os internos, as oficinas pedagógicas e as quadras de esporte. Eles reconhecem que existem problemas.

SONORA / Secretário de Justiça e Cidadania, Raimundo Ribeiro – fala que vai buscar do governo federal e distrital parcerias para efetivamente ajudar o Cajé.

OFF2-Atualmente, cento e oitenta internos estão no Cajé. O Centro tem capacidade para abrigar mais sessenta adolescentes. Com o fim da superlotação, a principal reivindicação é uma comida de qualidade. O Secretário não ouviu reclamação de maus-tratos.

SONORA / Secretário de Segurança, General Cândido Freire – afirma que não ouviu nenhuma queixa de maus-tratos.

OFF3-Os últimos dois anos no Cajé foram marcados por protestos, tentativas de fugas e até homicídios. Sete internos morreram. Uma rebelião com queima de colchões deixou quatro adolescentes feridos. Nossa equipe de reportagem foi ao Cajé e viu jovens amontoados nos quartos, falta de higiene e de locais adequados só para meninas.

4.BRIGA CAJÉ – 26/01/2007

Narração de Tatiana Flores

Tempo:44"

CABEÇA- Quatro adolescentes ficam feridos depois de uma briga no centro de atendimento juvenil especializado, o Cajé. Alguns tinham facas fabricadas dentro dos quartos.

OFF1-Os internos jogavam bola no pátio do Cajé quando nove adolescentes começaram a brigar. Quatro agentes faziam a segurança no local e não sabem a causa da discussão. Os internos usaram facas fabricadas nos quartos da unidade. Os seguranças agiram rápido, segundo o Secretário de Cidadania e Justiça.

SONORA / Secretário de Cidadania e Justiça, Raimundo Ribeiro – A segurança do centro foi comprometida. Fala da segurança e reformas realizadas dentro da unidade.

OFF2-O último conflito no Cajé foi em outubro do ano passado. Meses antes, em junho, um adolescente morreu num motim.

NOTA-PÉ - Ao todo, nove adolescentes participaram da briga. Cinco não ficaram feridos. Os quatro que tiveram ferimentos foram levados para o hospital da asa norte. Destes, apenas dois já foram liberados dos cuidados médicos.

5.FUGA CAJÉ – 29/01/2007

Narração de Tatiana Flores

Tempo: 1'03"

CABEÇA- Três adolescentes fugiram hoje do centro de atendimento juvenil, o Cajé. É a primeira fuga do ano.

OFF1- A fuga foi às oito e meia da manhã. Três internos que jogavam bola neste campo de futebol, pularam a cerca e fugiram pelo mato. Todos têm mais de dezoito anos. Duas horas depois, dois foram recapturados. Um interno foi encontrado perto da Água Mineral. O assessor da direção do Cajé admite falha na segurança. Na hora da fuga eram apenas três agentes pra cuidar de dezoito internos.

SONORA – Assessor do Cajé

OFF2- No ano passado foram registradas quatro fugas no Cajé. Um adolescente morreu durante o motim. Na semana passada nove adolescentes brigaram no pátio da unidade. Quatro ficaram feridos. Os internos usaram facas que eles mesmos fabricavam.

NOAT-PÉ- E até agora um adolescente continua foragido. Mesmo com a falta de agentes, a direção do Cajé disse que não há perspectiva de aumento da segurança no local.

6.SUITE CAJE – 30/01/2007

A matéria saiu no dia anterior no programa Balanço Geral às 12hs

Narração de Cristina Marques

Tempo: 52''

CABEÇA- Um jovem de dezesseis anos é esfaqueado no centro de atendimento juvenil, o Cajé. E a família foi impedida de ver o adolescente no hospital.

OFF1- O adolescente, que estava no Cajé há apenas quatro dias, foi esfaqueado por três jovens e teve o pescoço, a barriga e o tórax perfurados. O motivo da agressão, segundo a polícia, teria sido uma discussão durante um jogo de futebol. O adolescente passou por uma cirurgia e ainda está internado. A família reclama que foi impedida de ver o adolescente. A proibição partiu deste funcionário do Cajé.

SOBE SOM – aqui tem o funcionário impedindo os pais.

SONORA- Antônio Souza Ferreira, pai da vítima.

OFF2- Este é o terceiro incidente grave no Cajé em menos de uma semana. Na última sexta-feira, quatro jovens também foram esfaqueados durante uma briga. E ontem três adolescentes fugiram.

NOTA-PÉ- A secretaria de justiça e cidadania informou apenas que as ocorrências no Cajé estão dentro da normalidade e que na semana que vem vai anunciar medidas para melhorar a situação dos internos.

7.RESCISÃO CAJE – 28/02/2007

Tempo: 2'15''

CABEÇA- Profissionais que trabalhavam no centro de atendimento juvenil especializado, o Cajé, tiveram hoje o contrato cancelado. A medida preocupa, porque pode colocar em risco a segurança no centro.

OFF1-Fila na sede dessa instituição social na guariroba de Ceilândia. Ao todo mais de quinhentos funcionários que prestam serviço, pela instituição, para o GDF assinaram hoje a rescisão do contrato com o governo. Entre eles estavam cento e cinquenta e um

educadores que trabalham no Cajé. A promessa feita pelo GDF era que todos iriam assinar a demissão para logo em seguida serem recontratados.

SONORA / funcionário Cajé

OFF2-Outro problema é que os funcionários que assinaram a rescisão até agora não receberam pagamento pelo tempo de serviço.

SONORA / outro funcionário do Cajé

PASSAGEM / Repórter Alessandro Saturno – Caso não aconteça à recontração dos cento e cinquenta e um educadores a situação aqui no Cajé pode ficar crítica. Com a ausência dos profissionais acabariam a segurança das alas e as oficinas profissionalizantes que acontecem todos os dias.

OFF3-Com a demissão em massa, alguns funcionários continuam trabalhando no Cajé como voluntários. Segundo o diretor do sindicato dos empregados de instituições beneficentes esse é um problema porque o trabalho é irregular.

SONORA / Diretor do sindicato, Francisco Rodrigues.

8. NOTA CAJE – 11/04/2007

Narração ao vivo
Tempo:13"

Cerca de cento e sessenta funcionários do Centro de Atendimento Juvenil Especializado, o Cajé, ameaçam entrar em greve a qualquer momento. Eles estão há setenta dias sem receber salários.

9. CAJE – 01/05/2007

Tempo: 1'36"

CABEÇA- É, mas o feriado não foi de comemoração para os trabalhadores do Cajé, o Centro de Reabilitação de Menores Infratores. Eles estão há três meses sem receber salários.

OFF1-O local da entrevista foi longe do Cajé. Os funcionários têm medo. Não querem ser identificados. Responsáveis pela segurança e por todo acompanhamento dos adolescentes infratores, eles denunciam: estão sem receber salário há setenta e dois dias.

SONORA / funcionário do Cajé 1 – fala que não recebem vale, ticket, nada...

OFF2-Este outro funcionário conta que está com muitas dívidas. Trabalhando sem receber, ele já não sabe como fazer pra manter os gastos da família.

SONORA / funcionário Cajé 2 – conta que a filha estuda em colégio particular e que agora vai repensar na situação.

PASSAGEM / Mariana Nigro - Atualmente, quase cento e sessenta funcionários do Cajé são contratados, o que corresponde a setenta por cento do efetivo. Sem receber salário, a maioria se recusa a trabalhar. Quem ainda vem tem medo e denuncia: o número de funcionário está insuficiente dos quase duzentos e cinquenta internos.

SONORA / funcionário do Cajé 2 – Ele fala que os menores sabem do desfalque e que eles têm medo da insegurança.

OFF3 – O DF Record já mostrou o problema. No mês passado, funcionários do Cajé cruzaram os braços. Motivo: falta de pagamento. Em fevereiro, contratados do Instituto Nossa Senhora de Fátima, que faziam atividades administrativas, também tiveram o pagamento suspenso por causa da suspeita de fraudes.

SONORA / funcionário do Cajé 1 – ele fala que tem o direito de receber e que quer ser tratado com dignidade.

NOTA-PÉ- Nossa produção ligou durante toda a tarde para a direção do Cajé. Mas ninguém foi encontrado para falar sobre o assunto.

10. CAJÉ / OAB – 04/05/2007

Narração de João Pimentel
Tempo: 1'25''

CABEÇA- Madrugada de fuga no Cajé! Hoje a Comissão de Direitos Humanos visitou o local, e constatou que falta segurança.

OFF1-O Cajé tem hoje duzentos e vinte jovens que cumprem medidas sócio-educativas. Número menor da capacidade de lotação que é de duzentos e quarenta internos. Ontem três deles fugiram.

SONORA / Diretora do Cajé, Heloisa de Carvalho – fala da fuga

OFF2-A fuga chamou a atenção da Comissão de Direitos Humanos da OAB-DF que hoje fez uma visita no local. De acordo com a presidente da ordem dos advogados do Brasil no DF, apesar de não haver superlotação no local, é preciso mais segurança.

SONORA / Presidente da OAB-DF, Estefânia Ferreira

OFF3-Segundo um dos diretores do Cajé, a segurança vai ser reforçada com a implantação de um novo projeto.

SONORA / Diretor de medidas sócio-educativas do Cajé, Ricardo Batista – fala sobre o novo projeto.

NOTA-PÉ- A Direção do Cajé vai abrir sindicância na segunda-feira para apurar a fuga de menores. Essa já é a terceira este ano.

11. NOTA CAJE – 09/05/2007

Narração ao vivo

Tempo: 15”

O Secretário de Justiça e Cidadania, Raimundo Ribeiro, informou hoje em coletiva que o pagamento dos cento e trinta funcionários do Cajé, contratados no mês passado, vai sair até amanhã. Os trabalhadores estavam preocupados por causa dos seguidos atrasos com que conviviam da efetivação no quadro de funcionários do centro. O pagamento é relativo ao mês de Abril.